

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL
Faculdade de Administração e de Turismo/Faculdade de Agronomia
Eliseu Maciel
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e
Sistemas Agroindustriais

Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Sistemas
Agroindustriais



Capital Social Organizacional e Desenvolvimento Territorial em rotas de
turismo rural

Jaqueline Chagas

Pelotas
2018

Jaqueline Chagas

Capital Social Organizacional e Desenvolvimento Territorial em rotas de turismo rural

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, da Faculdade de Administração e de Turismo/Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais.

Orientadora: Rosana Portella Tondolo

Pelotas

2018

Jaqueline Chagas

Capital Social Organizacional e Desenvolvimento Territorial em rotas de turismo rural

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, Faculdade de Administração e de Turismo/Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 14 de dezembro de 2018

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rosana Portella Tondolo (Orientadora) Doutora em Administração pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Prof. Dr. Vilmar Antonio Gonçalves Tondolo Doutor em Administração pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Prof. Dr. Elvis Silveira Martins Doutor em Administração pela Universidade do Vale do Itajaí.

Prof. Dr. Jacir Leonir Casagrande Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina.

RESUMO

É notável em ambientes de cooperação a presença de capital social, haja vista a existência de aspectos sociais entre os indivíduos que os representam, como a confiança mútua, o senso de unidade e a colaboração. Entre organizações, se utilizado de forma responsável, gera resultados satisfatórios para coletividade. O capital social organizacional trata-se de um conceito interessante para analisar os laços relacionais entre organizações públicas, privadas e a sociedade civil. Por isso, neste estudo foi utilizado o capital social organizacional como lente teórica para compreender como as relações, entre diferentes organizações, podem contribuir para o desenvolvimento territorial. Neste sentido, o objetivo principal desta dissertação, é compreender como o capital social organizacional contribui para o desenvolvimento das rotas turísticas Morro de Amores e Caminho Pomerano. Para isso foi utilizado o método de pesquisa qualitativa, a partir do estudo de caso múltiplo por meio de entrevistas estruturadas com representantes da esfera pública, privada e da sociedade civil de cada uma das localizações. Dentre os resultados obtidos, é possível destacar que a presença de capital social organizacional por meio dos laços relacionais estabelecidos, da confiança e cooperação mútua e da identidade coletiva fornecem a base para formação de mercados locais e consequentemente para o desenvolvimento do território.

Palavras-chave: Capital Social Organizacional; Desenvolvimento Territorial; Turismo Rural.

ABSTRACT

The presence of social capital is remarkable in cooperative environments, given the existence of social aspects among the individuals who represent them, such as mutual trust, a sense of unity and collaboration. Among organizations, if used in a responsible way, generates satisfactory results for collectivity. Organizational social capital is an interesting concept to analyze the relationship between public and private organizations and civil society. Therefore, in this study, organizational social capital was used as a theoretical lens to understand how relations between different organizations can contribute to territorial development. In this sense, the main objective of this dissertation is to understand how organizational social capital contributes to the development of the tourist routes Morro de Amores and Caminho Pomerano. For this, the qualitative research method was used, based on the multiple case study through semi-structured interviews with representatives of the public, private and civil society from each of the locations. Among the results obtained, it is possible to emphasize that the presence of organizational social capital through established relational ties, trust and mutual cooperation and collective identity provide the basis for the formation of local markets and consequently the development of the territory.

Keywords: Organizational Social Capital; Territorial Development; Rural tourism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Premissas do Capital Social Organizacional	18
Figura 2: Premissas acerca do Desenvolvimento Territorial	26
Figura 3: Síntese do Referencial Teórico	27
Figura 4: Framework de pesquisa	28
Figura 5 Códigos ou nós, Categorias e Dimensões	33
Figura 6: Representação dos entrevistados por meio de códigos.....	35
Figura 7 Procedimentos de Validação.....	37
Figura 8 Síntese do Caminho Pomerano	54
Figura 9 Síntese do Caminho Pomerano	67
Figura 10 Framework após a análise cruzada dos casos	76

LISTA DE SIGLAS

CNE - Cadastro Nacional de Empresas

COMTUR - Comissão de Turismo

CORSAN - Companhia Riograndense de Saneamento

EaD - Ensino

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária

FEE - Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul

FURG - Fundação Universidade do Rio Grande

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio

RIO – Relações Interorganizacionais

RS - Rio Grande do Sul

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SUS - Sistema Único de Saúde

UCPEL - Universidade Católica de Pelotas

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	Justificativa	10
1.2	Delimitação do Tema e Problema de Pesquisa.....	11
1.3	Objetivo Geral	13
1.4	Objetivos Específicos:.....	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	Origem e evolução do Capital Social Organizacional.....	14
2.2	Desenvolvimento Territorial	19
2.3	Síntese do Referencial Teórico	26
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
3.1	Tipo de Pesquisa	29
3.2	Objeto de Pesquisa	30
3.3	Técnica de Coleta de Dados.....	30
3.4	Técnica de Análise dos Dados	32
3.5	Sequência Metodológica	36
3.6	Etapas para validação da pesquisa qualitativa.....	36
4	ANÁLISE DOS DADOS.....	38
4.1	Rota Morro de Amores.....	38
4.1.1	Capital Social Organizacional	39
4.1.1.1	Dimensão Estrutural.....	39
4.1.1.2	Dimensão Cognitiva	41
4.1.1.3	Dimensão Relacional	42
4.1.1.4	Dimensão Mobilizadora	44
4.1.2	Desenvolvimento Territorial	45
4.1.2.1	Dimensão Econômica	45
4.1.2.2	Dimensão Social.....	47

4.1.2.3	Dimensão Cultural	48
4.1.2.4	Dimensão Política-institucional	50
4.1.2.5	Dimensão Demográfica	51
4.1.2.6	Dimensão Ambiental	53
4.2	Rota Turística Caminho Pomerano	55
4.2.1	Capital Social Organizacional	55
4.2.1.1	Dimensão Estrutural	56
4.2.1.2	Dimensão Cognitiva	57
4.2.1.3	Dimensão Relacional	58
4.2.1.4	Dimensão Mobilizadora	59
4.2.2	Desenvolvimento Territorial	60
4.2.2.1	Dimensão Econômica	60
4.2.2.2	Dimensão Social	61
4.2.2.3	Dimensão Cultural	63
4.2.2.4	Dimensão Político-institucional	64
4.2.2.5	Dimensão Demográfica	65
4.2.2.6	Dimensão Ambiental	66
4.3	Análise Cruzada dos casos	68
5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	71
5.1	Discussão à luz das premissas teóricas	71
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
6.1	Contribuições teóricas	75
6.2	Contribuições Gerenciais	76
6.3	Limitações e Sugestões para estudos futuros	77
	APÊNDICE	92

1 INTRODUÇÃO

O Rio Grande do Sul (RS) possui a economia baseada no que se denomina setor primário (produção agrícola), o qual representou 7,8% do PIB em 2017 frente aos demais setores, 1,3% no setor terciário (comércio) e -1,4% no setor secundário (indústria) (FEE, 2018). Por outro lado, do total de 876.208 mil habitantes, 116.709,57 pessoas vivem em áreas rurais na região sul do RS (ITPA/UCPEL, 2016). Esta diferença se deve, principalmente, à redução das atividades primárias e ao aumento da mecanização em atividades agrícolas, que nesta região são predominantemente extensivas (COREDE, 2015) haja vista a histórica desuniforme distribuição de terras.

Atrelado ao fato de que ainda há baixo investimento governamental na agricultura familiar, há, aproximadamente, 10 anos cresce o número de rotas turísticas rurais na região compreendida pelo COREDE Sul. Estas rotas são compostas, em sua maioria, por empreendimentos oriundos da agricultura familiar e contribuem para a diversificação da renda, oportunizando aos turistas vivenciarem a rotina de um ambiente rural, bem como servindo para fortalecer a manutenção dos jovens no campo. Seja por critérios econômico, sociocultural ou ambiental, os indivíduos que vivem nestes ambientes estão buscando novas e melhores práticas de interação com a natureza.

Face às potencialidades naturais, institucionais e culturais, a região Sul está intensificando a rede de serviços voltados ao turismo, procurando integrar e fortalecer as ações existentes a fim de que isso, realmente, gere sustentabilidade às rotas e as famílias que as compõem. Entretanto, algumas limitações acerca do ente público dificultam o desenvolvimento das rotas turísticas. Fato que remonta a necessidade de novas políticas públicas, melhor estruturadas, que favoreçam o desenvolvimento das rotas de acordo com a especificidade de cada realidade, visto que, até o momento, o Programa Nacional de Turismo Rural da Agricultura Familiar (PNTRAF) não atua de maneira satisfatória na região.

Em consonância com o exposto, a temática abordada nesta dissertação busca compreender o capital social organizacional presente nas organizações que compõem as rotas Morro de Amores e Caminho Pomerano. Esta lente

teórica foi escolhida com o intuito de colaborar com a ciência no que diz respeito ao capital social organizacional ser um instrumento para o desenvolvimento dos territórios em ambientes rurais (SERRA; POLI, 2015).

O conceito sobre desenvolvimento territorial utilizado nesta dissertação está relacionado ao movimento (de baixo para cima) presente a partir da união de atores inseridos em diferentes esferas sociais (públicas, privadas e da sociedade civil) (WOLCOOCK, 1998). No intuito de gerar resultados quanto a construção deste estudo, serão analisadas as seguintes dimensões: econômica, social, cultural, político-institucional, demográfica e ambiental (WAQUIL et al., 2007).

Ambos municípios são privilegiados por recursos hídricos e paisagísticos, apresentam ambientes naturais preservados, dadas as proporções territoriais onde estão inseridas. Ao longo dos anos os atores inseridos nessas localidades estão se organizando no intuito de promover suas regiões a partir do turismo rural, aproveitando as características naturais e a produção agrícola pré-existentes. Fomentando o artesanato relacionado à cultura dos seus imigrantes, bem como implementando e fortalecendo as agroindústrias familiares.

O roteiro Turístico Morro de Amores foi constituído a partir de 2014, no intuito de fomentar a agricultura familiar, sobretudo depois da falência de uma importante agroindústria localizada no município.

Em São Lourenço do Sul, o Caminho Pomerano, já existe desde 2005, tendo como um principal objetivo promover a cultura pomerana a partir dos costumes, tradição e história.

Todavia, no que tange ao capital social organizacional e ao desenvolvimento territorial, o que se observa é que existem diferenças quanto a maneira com que cada um foi estruturado, fato que ficará compreensível no decorrer desta dissertação.

1.1 Justificativa

Este estudo utiliza o conceito de capital social organizacional, o qual está presente nas diferentes conexões entre distintos atores (organizações públicas, privadas, da sociedade civil, grandes, pequenas, formais ou

informais) e em diferentes enfoques da administração, envolvendo a estrutura e a qualidade dos seus laços (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998).

A ideia central é que o capital social organizacional repercute positivamente no desempenho das organizações, através da fluidez com que se dão suas relações sociais (NAHAPIET, 2014). Porque facilita a mobilização e o compartilhamento de recursos, por meio dos elos de confiança (TONDOLO et al., 2017) e promove o desenvolvimento territorial, a partir da integração dos laços sociais que o compõem (BEDUSCHI FILHO; ABRAMOVAY, 2004).

Pesquisas apontam que há relação positiva do capital social com o desenvolvimento em áreas rurais (SERRA; POLI, 2015). Por outro lado, desenvolvimento é um processo contínuo que vai além de aspectos econômicos e está diretamente relacionado à forma de funcionamento e alcance dos resultados (qualidade de vida, escolarização, qualidade de educação, capital humano e PIB per capita) pelas organizações (RODRIGUES, 2018).

A realização desta pesquisa se dá em razão da percepção quanto à forma com que os roteiros turísticos Morro de Amores e Caminho Pomerano vêm trabalhando o turismo rural no interior do sul do Rio Grande do Sul. Baseando-se no processo de interação dos indivíduos, na busca por soluções ou aproveitamento de oportunidades com ênfase na qualidade de vida da coletividade (ANDREW; KLEIN, 2010; AGOSTINI, et al, 2017).

Por fim, este estudo visa contribuir demonstrando a importância do investimento coletivo, a partir dos diferentes atores que compõe a sociedade, acerca das características determinantes do capital social organizacional em razão de um desenvolvimento territorial mais eficiente e igualitário, especialmente em razão do desenvolvimento de turismo em ambientes rurais.

1.2 Delimitação do Tema e Problema de Pesquisa

Esta dissertação aborda os conceitos de capital social, mais especificamente o organizacional, e desenvolvimento territorial. Tem como objeto e contexto de pesquisa as rotas turísticas rurais Morro de Amores e Caminho Pomerano.

O conceito de capital social organizacional está dividido, inicialmente, em dimensões: estrutural, cognitiva, relacional (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998) e mobilizadora (TONDOLO, 2014). As quatro dimensões serão utilizadas com o intuito de compreender a formação do capital social organizacional e suas possíveis contribuições para o desenvolvimento territorial em rotas de turismo rural.

O capital social organizacional facilita a compreensão sobre a formação de capital comunitário, que acontece em diferentes ambientes, a partir de distintos atores, em razão do compartilhamento de interesses e resultados (NAHAPIET, 2014).

Em função do construto de desenvolvimento territorial foi possível, a partir das perspectivas teóricas de Woolcock (1998) e Waquil et al. (2007), embasar a relação existente entre capital social e o desenvolvimento territorial. Segundo Woolcock (1998), o desenvolvimento territorial se dá pela interação social e pode ocorrer de duas maneiras, de baixo para cima (a partir da perspectiva dos atores) e de cima para baixo (visão estruturalista). Este estudo, buscou identificar se na perspectiva dos atores as interações sociais, baseadas em elos de cooperação, colaboração e reciprocidade, contribuem para o desenvolvimento territorial, especialmente no que diz respeito a interação entre as diferentes instituições dispostas no território.

Para Waquil et al. (2007) o desenvolvimento ocorre em razão de seis principais dimensões (econômica, social, político-institucional, demográfica, ambiental e cultural). Especialmente em áreas rurais, procurou medi-las por meio de um convênio com a antiga Secretaria de Desenvolvimento Territorial. Neste estudo, buscou-se compreender como as seis dimensões contribuem para o desenvolvimento territorial, sobretudo em áreas rurais, haja vista o aprofundamento na análise qualitativa dos dados.

Aliado a esses conceitos, foram utilizados dados secundários nacionais alocados em instituições de pesquisa (IPEA, IBGE, FEE), tais como IDH, demografia e outras pertinentes ao contexto desse estudo que contribuíssem na compreensão do desenvolvimento dos territórios em análise.

Diante disso, esta dissertação apresenta a seguinte questão norteadora de pesquisa:

Como o capital social organizacional contribui para o desenvolvimento das rotas turísticas Morro de Amores e Caminho Pomerano e dos territórios onde estão inseridas?

1.3 Objetivo Geral

Compreender como o capital social organizacional contribui para o desenvolvimento das rotas turísticas Morro de Amores e Caminho Pomerano e dos territórios onde estão inseridos.

1.4 Objetivos Específicos:

- identificar as organizações chave (públicas, privadas e da sociedade civil) que constituem cada um dos roteiros turísticos;
- analisar a formação de capital social organizacional presentes nas rotas;
- analisar de forma qualitativa o desenvolvimento dos territórios em que as rotas turísticas estão inseridas;
- analisar a contribuição do capital social organizacional presente no desenvolvimento dos territórios em que as rotas turísticas estão inseridas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção serão abordadas questões relativas ao capital social aplicado no contexto das organizações, no primeiro subcapítulo será explanado, de forma sucinta, o princípio do conceito de capital social, assim como sua evolução teórica. Posteriormente, com mais ênfase, será utilizado o conceito de capital social organizacional, e na sequência o de desenvolvimento territorial.

2.1 Origem e evolução do Capital Social Organizacional

Dentre os precursores do conceito sob capital social está Bourdieu (1985), para ele capital social está atrelado a questão de poder em contraste com o econômico e o simbólico. A ideia foi introduzir uma teoria sobre a reprodução das relações que permeassem as classes sociais, por meio de aspectos como cultura e identidade. O autor utilizou o termo com o intuito de identificar as conveniências em possuir identidade e pertencimento a um determinado grupo social,

[...] o agregado dos recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo (Bourdieu, 1985, p. 248).

Levando em consideração aspectos culturais e sociais, para Granovetter (1985) o capital social se dá por meio das redes de relacionamento a partir da união de indivíduos e organizações no intuito de satisfazer interesses econômicos. Através da “sociologia econômica”, o capital social serve para explicar que a ação econômica está fortemente ligada à estrutura social e a cultura de uma dada sociedade (GRANOVETTER, 1985).

No mesmo íterim, o capital social promove a criação e manutenção da riqueza de uma determinada sociedade, motiva os indivíduos através de elos de confiança mútua, redes de cooperação e normas. As quais promovem a ordem em uma sociedade, assim como a busca por objetivos em comum; a partir de um trabalho coletivo cooperativo propicia a mobilização e gestão de recursos, sejam eles econômicos, sociais ou culturais (PUTNAM, 1993).

Por outro lado, o capital social deve ser visto como um processo não intencional, mas resultante de proposições orientadas por outras finalidades (COLEMAN, 1988). Nesse caso, as relações sociais são fruto da diversidade de composições sociais.

[...] Não é uma entidade singular, mas uma variedade de diferentes entidades, com dois elementos em comum: são todos consistentes com alguns aspectos das estruturas sociais e facilitam certas ações dos atores – sejam pessoas ou empresas – no âmbito da estrutura (COLEMAN, 1988, p.98).

O capital social está presente na capacidade dos atores obterem benefícios em decorrência do pertencimento a redes sociais. E nesse sentido, o capital social provém de duas fontes (PORTES, 2000):

[...] em primeiro lugar, o conceito incide sobre as consequências positivas da sociabilidade, pondo de lado as suas características menos atrativas; em segundo lugar, enquadra essas consequências positivas numa discussão mais ampla acerca do capital, chamando a atenção para o fato de que as formas não monetárias podem ser fontes importantes de poder e influência, à semelhança do volume da carteira de ações ou da conta bancária (PORTES, 2000, p.134).

O capital social é uma teoria amplamente difundida, com diversas vertentes e autores das mais distintas áreas de estudo (BRUNIE, 2009), amadureceu de um conceito para um campo inteiro de pesquisas (KWON; ADLER, 2014). Entretanto, como o objeto desta pesquisa está inserido no contexto das organizações, faz-se necessário interpor quanto ao conceito na terminologia de capital social organizacional, a qual teve sua consolidação através dos estudos de Nahapiet e Ghoshal (1998). Assim, dentro da perspectiva das organizações e da administração, o conceito de capital social organizacional é:

A soma de recursos reais e potenciais embutidos, disponíveis por meio de e originados nas redes de relações, propriedade de um indivíduo ou unidade social. O capital social, assim, compreende tanto a rede quanto o patrimônio que podem ser mobilizados por meio dessa rede (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998, p. 243).

Este conceito permite determinar inicialmente três dimensões: estrutural, relacional e cognitiva (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998). Não obstante, será utilizada também a dimensão mobilizadora (TONDOLO, 2014) como ferramenta para elucidar este estudo, porque trata das relações de estratégia e sustentabilidade das organizações (TONDOLO; BITENCOURT, 2012). Sua

mobilização se diferencia em dois aspectos: quanto a captação e ao compartilhamento (TONDOLO, 2014). A partir da visão baseada em recursos, as instituições que possuem elevado grau de capital social organizacional apresentam facilidade na criação de novos capitais intelectuais e nesse sentido, quanto mais denso o capital social organizacional maior é a vantagem competitiva das organizações (WEVER et al, 2005; ZAHRA, 2010; TONDOLO et al., 2017).

O capital social organizacional, a luz da dimensão estrutural, diz respeito a forma como se dão as conexões entre pessoas ou grupos, principalmente pela ausência ou presença de laços. Na dimensão cognitiva é observado o compartilhamento de representações e interpretações, bem como o conjunto de significados, tais como vocabulário e cultura local, as quais reproduzem a identidade do grupo de organizações. Na dimensão relacional, se observa o tipo de relação entre as organizações a fim de identificar os resultados conjuntos alcançados, a partir de elos de confiança, credibilidade, normas e sanções. (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998).

Dessa forma, a primeira premissa teórica está relacionada à dimensão estrutural, a qual retrata: **(P1)** quanto melhor estruturados forem os laços e conexões entre organizações, maior será o capital social organizacional (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998; NITZSCHE, 2017; BASU et al., 2017; CUI et al., 2018).

Capital social organizacional é uma teoria que possibilita estudar o arcabouço e o atributo dos laços relacionais, serve para analisar distintos tipos de organizações (públicas, privadas, de trabalho voluntário, dentre outras) e em diferentes níveis (pessoa jurídica ou física, uma região ou nação) (NAHAPIET, 2014).

As dimensões estruturais, relacionais e cognitivas do capital social são importantes para explorar oportunidades através de ações informais mais propícias à aprendizagem e transferência de conhecimento, no contexto África-China,

[...] descobrimos que os parceiros africanos aproveitam ativamente múltiplos fatores relacionados ao capital cultural e social para apoiar a aprendizagem. Os africanos costumam usar mecanismos informais, mesmo clandestinos, para gerenciar diferenças culturais e criar confiança para obter conhecimento (ADO et al., 2017).

Nesse sentido, a segunda premissa teórica está relacionada à dimensão cognitiva: **(P2)** quanto mais mecanismos de identidade e objetivos compartilhados as organizações utilizarem, mais expressiva será a formação de capital social organizacional (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998; TONDOLO, 2014; NITZSCHE, 2017; BASU et al., 2017).

O capital social organizacional é um recurso coletivo importante que repercute positivamente na vida privada dos indivíduos e como tal, deve-se ter mais atenção ao estabelecimento de uma boa atmosfera de trabalho que promova a confiança mútua, o suporte e um senso de unidade, o que deve ser encorajado de forma direcionada pelos gestores (NITZSCHE, 2017; BASU et al., 2017).

O engajamento entre organizações e no capital social organizacional que seus membros acumulam geram confiança generalizada por meio de diferentes laços sociais, nesse sentido, um estudo realizado na Coreia demonstrou que o capital social organizacional compreende uma diversidade de recursos organizacionais e tem uma relação positiva com a confiança generalizada (SON, 2015). A diversidade das interações sociais em uma comunidade está positivamente associada à confiança social no local de trabalho e essa relação não é significativamente diferente entre as culturas individualistas e coletivistas (CUI et al., 2018).

Assim, a terceira premissa teórica, está relacionada a dimensão relacional: **(P3)** quanto melhor for o nível de confiança entre as organizações maior será o capital social organizacional e conseqüentemente melhor serão os objetivos compartilhados e alcançados pelas organizações (SON, 2015; ADO et al., 2017; NITZSCHE, 2017; BASU et al., 2017; CUI et al., 2018).

As organizações precisam se manter de forma posicionada em suas relações, através de atores habilitados e com conhecimento prévio sobre sua dinâmica, a fim de que tenham capacidade de captar e utilizar os recursos de forma eficiente (ALVES FILHO, 2006). Atrelado a isso, entende-se que o desenvolvimento de liderança é fundamental para eficiência e manutenção das organizações, porque onde há a preocupação com a construção e gestão de conhecimento e habilidades, conseqüentemente há maior capital social organizacional (ZHENG et al., 2017; STRÖMGREN et al., 2017; SUBRAMONY et al., 2018). Nesse sentido, a transferência do conhecimento é essencial nas

organizações (INKPEN; TSANG, 2016), principalmente como recurso para futuras gerações (SON, 2015).

Um estudo realizado em agências governamentais da Europa Central indicaram que o capital social organizacional é inversamente proporcional ao tamanho das agências, devido ao fato de que a força dos laços relacionais entre os funcionários é menor em grandes organizações. Em outra análise, a tomada de decisão descentralizada está associada a um maior nível de capital social que, por sua vez, facilita o compartilhamento de conhecimento (ANDREWS, 2017).

A mobilização e implantação dos ativos de capital social e humano, acumulados através de diferentes tipos de envolvimento cívico nas oportunidades de emprego e educação, servem para que os indivíduos de baixa renda adquiram um caminho que possibilite auferir oportunidades econômicas (BENENSON, 2017).

Dessa forma, a quarta premissa teórica diz respeito a dimensão mobilizadora: **(P4)** a mobilização e o compartilhamento de recursos, tangíveis ou intangíveis, por meio de atores capacitados e articulados, com a finalidade de perenidade das organizações para gerações futuras promove a formação de capital social organizacional (TONDOLO, 2014; SON, 2015; INKPEN; TSANG, 2016; ANDREWS, 2017, TONDOLO et al. 2017; ZHENG et al., 2017; STRÖMGREN et al., 2017; BENENSON, 2017, SUBRAMONY et al., 2018).

A figura 1 busca demonstrar, de forma sucinta e elucidativa, as bases conceituais que deram origem as primeiras premissas.

Figura 1 - Premissas do Capital Social Organizacional

Premissas	Dimensão	Referencial
(P1) quanto melhor estruturado forem os laços e conexões entre organizações maior será o capital social organizacional	Estrutural	Nahapiet; Ghoshal (1998) Nitzsche(2017) Basuet al.(2017) Cui et al.(2018)
(P2) quanto mais mecanismos de identidade e objetivos compartilhados as organizações utilizarem, mais expressiva será a formação de capital social organizacional	Cognitiva	Son (2015) Ado et al.(2017) Nitzsche(2017) Basuet al.(2017) Cui et al.(2018)
(P3) quanto melhor for o nível de confiança entre as organizações maior será o capital social organizacional e conseqüentemente melhor serão os objetivos compartilhados e alcançados pelas organizações	Relacional	Nahapieth; Ghoshal (1998) Tondolo (2014) Nitzsche (2017) Basu et al. (2017)
(P4) a mobilização e o compartilhamento de recursos, tangíveis ou intangíveis, por meio de	Mobilizadora	Tondolo (2014) Son (2015)

atores capacitados e articulados, com a finalidade de perenidade das organizações para gerações futuras promove a formação de capital social organizacional		Inkpen; Tsang (2016) Andrews (2017) Tondolo et al. (2017) Zheng et al. (2017) Strömngren et al. (2017) Subramony et al. (2018)
---	--	---

Fonte: Elaborado pela autora

2.2 Desenvolvimento Territorial

O construto acerca de desenvolvimento territorial está presente em diversas pesquisas científicas, de maneira normativa, entretanto faltam definições teóricas quanto à origem dos laços sociais que constituem os territórios. É neste contexto que se torna necessária à identificação do princípio da cooperação mútua em um ambiente coletivo, seja ele composto por indivíduos, organizações ou instituições (ABRAMOVAY, 2006). “O processo de desenvolvimento é mobilizado por organizações que trabalham juntas ou por interorganizações cuja principal característica é a hibridização ou a complexidade” (FISCHER, 2002, p. 19).

Assim, é preciso levar em consideração o universo de dimensões que condicionam o desenvolvimento territorial: econômicas, sociais, culturais, ambientais, institucionais, políticas (ABRAMOVAY, 2006). No que tange a dimensão econômica,

Os mercados existentes nos diferentes territórios também devem ser abordados como campos de força em que diferentes atores procuram obter a cooperação alheia e obtêm, por aí, suas possibilidades de dominação social (ABRAMOVAY, p. 1, 2006).

Na dimensão econômica há duas orientações distintas para desenvolvimento: competitivo e pela cooperação ou solidariedade. No incremento competitivo acontecem interações econômicas ao longo do tempo entre agentes que compõem o território, seja por relações autocoordenadas ou com coordenação vertical, repercute na ação dos agentes de forma coletiva, por meio de influências nas decisões e através dos graus de racionalidade que compõem o meio (FISHER, 2002).

As instituições, em uma relação estruturalista (de cima para baixo) fomentam o desenvolvimento (WOLCOOCK, 1998), todavia baseada na historicidade das regiões e em suas relações econômicas (NORTH, 1990).

Instituições são as regras do jogo em uma sociedade ou, mais formalmente, são os constrangimentos humanamente concebidos para estruturar a interação humana. Consequentemente formam estruturas de incentivos na interação humana, seja ela política, social, ou econômica (NORTH, 1990, p.3).

Por outro lado, é a partir de regras e arranjos institucionais que ocorre o desenvolvimento de um território, nesse caso, nem avanço tecnológico nem acúmulo de capital econômico servem para explicar os motivos que levam ao desenvolvimento territorial de uma determinada sociedade, isto é, não é a riqueza acumulada, mas a forma como essa riqueza é gerida e distribuída que deve ser inicialmente observada em uma análise (NORTH, 1990).

As instituições fornecem a base econômica de uma sociedade, entretanto não são única e exclusivamente significantes para explicar o desenvolvimento de um território. Sobretudo em organizações, experiências passadas a partir de regras e normas pré-existentes, constituem o presente e o futuro de uma região. Ou seja, alterações formais ou informais realizadas por instituições (públicas e/ou privadas) ocasionam mudanças nas regras e normas de uma sociedade, afetando diretamente o seu futuro (NORTH, 2005).

O processo de desenvolvimento resulta da configuração adequada entre fatores tangíveis e intangíveis de um território (ABRAMOVAY, 2006). A sua diferenciação repercute no desempenho econômico e subdivide-se em fatores tangíveis (recursos naturais, recursos humanos, investimentos, infraestrutura e estrutura econômica) e intangíveis, nesse caso relacionado a arranjos sociais, desempenho de mercado, instituições (públicas), redes, comunidades e qualidade de vida. Sobretudo fatores intangíveis são os que melhor explicam um desempenho econômico mais satisfatório atrelado ao desenvolvimento territorial (BRYDEN; HART, 2001).

A interação dos mais diversos atores (Estado, organizações da sociedade civil, e outros) configura uma distribuição de recursos mais dinâmica e eficiente no mercado em que estão inseridos (ABRAMOVAY, 2006; BALEN et al., 2016). Todavia, grande parte da literatura que trata de desenvolvimento territorial não aborda a interação social (fator intangível) como aspecto relevante (ABRAMOVAY, 2006). O que por sua vez é uma contradição, haja vista que o território é constituído por laços sociais, os quais solidificam a interação e a identidade dos atores que o habitam (ABRAMOVAY, 2006).

Dessa forma, a quinta premissa teórica sugere que: **(P5)** o investimento em mercados locais, a partir da colaboração dos agentes que neles residem, contribui para o desenvolvimento do território (FICHER, 2002; ABRAMOVAY, 2006; BALEN et al., 2016).

Com relação a esta associação, entende-se que a interação dos atores, conseqüentemente, produz capital social e este, por sua vez promove desenvolvimento (WOOLCOCK, 1998, PECQUEUR, 2001; 2009; SANTOS, 2010). Entretanto, isso não se dá de uma forma muito simples e nem sempre essa interação gerará capital social de forma positiva para o coletivo (WOOLCOCK, 1998). Para averiguar tal correlação Woolcock (1998) produziu um *framework*, o qual considerou quatro principais dimensões do capital social como explicação para desenvolvimento: integração e ligação ao nível micro, integridade e sinergia ao nível macro (WOOLCOCK, 1998). Além disso, correlacionou as dimensões a partir de duas formas distintas: de cima para baixo (estruturalista, o Estado condiciona e coordena o desenvolvimento) e de baixo para cima (pela perspectiva dos atores é possível fomentar o desenvolvimento).

Neste estudo, território não se trata de dividir o urbano do rural, mas o conjunto onde estão reunidos os mais diversos ambientes, estruturas, atores, relações e dependências (VEIGA, 2002). Aspectos econômicos, sociais e locais, diretamente ligados a ação do coletivo é que proporcionam a formação de um território (MULS, 2008).

Territórios são resultados da maneira como as sociedades se organizam para usar os sistemas naturais em que se apoia sua reprodução, o que abre um interessante campo de cooperação entre ciências sociais e naturais no conhecimento desta relação (ABRAMOVAY, 2006, p.2).

Além disso, desenvolvimento territorial perpassa questões ligadas ao aspecto físico de uma região, porque deve ser analisado a partir de organizações sociopolíticas, edificadas por laços sociais, sobretudo informais, os quais com o decorrer do tempo, moldam a característica de uma região (BEDUSCHI FILHO; ABRAMOVAY, 2004). Da mesma forma, é preciso também ultrapassar as fronteiras profissionais pré-estabelecidas a fim de que planos de desenvolvimento tenham maiores condições de sucesso (ABRAMOVAY, 2006).

Com base na definição proposta pela Secretaria de Desenvolvimento Territorial vinculada ao Ministério de Desenvolvimento Agrário, território é:

[...] um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, compreendendo cidades e campos, caracterizado por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população, com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial (BRASIL/MDA, 2003).

A partir desta definição e buscando caracterizar os espaços geográficos de forma multidimensional, Waquil et al. (2007) propuseram um instrumento para medir desenvolvimento territorial procurando valorizar elementos rurais, por meio de seis dimensões: social, demográfica, político institucional, econômica, ambiental e cultural.

Assim, a sexta premissa teórica aborda: **(P6)** o conjunto de aspectos econômicos, sociais (MILANI, 2003; MULS, 2008; WAQUIL et al., 2007; PISANO et al., 2016), assim como culturais, político-institucionais (MILANI, 2003; HALPERN, 2005; WAQUIL et al., 2007; PISANO et al., 2016), ambientais e demográficos (WAQUIL et al., 2007) contribui para o desenvolvimento de um território.

As características necessárias para criar estratégias de desenvolvimento territorial são: (i) equilíbrio social e comunitário, que deve se ater em uma autonomia política econômica; (ii) a história da região; (iii) a sintonia na relação entre os atores, não apenas baseando-se em relações comerciais, mas também humanas e sociais (PERCQUEUR, 2009). Nesse sentido, desenvolvimento territorial se dá por meio da união dos indivíduos que o compõe, os quais se mobilizam com o intuito de solucionar os problemas oriundos das suas regiões (PERCQUEUR, 2009).

Para Halpern (2005) não são apenas as variáveis econômicas que explicam o desenvolvimento de um território, posto que este requer o envolvimento de outros fatores que não sofrem regulação de mercado, tais como, sociais, culturais e políticos. Nesse sentido, desenvolvimento territorial ultrapassa o conceito de mercado, ou seja, se dá por meio de interesses sócio-político-culturais, assim como pela coparticipação ou mesmo pela desordem

dos atores (MILANI, 2003; PISANO et al., 2016). Portanto, desenvolvimento territorial é o:

[...] conjunto de atividades culturais, econômicas, políticas e sociais – vistas sob a ótica inter-setorial e trans-escalar – que participam de um projeto de transformação consciente da realidade local (MILANI, 2003, p.1).

A sétima premissa teórica infere que: **(P7)** a interação social dos atores que compõem as diferentes esferas institucionais (pública, privada e da sociedade civil) de uma rota turística contribui para o desenvolvimento do território (NORTH, 1990; WOOLCOCK, 1998; MILANI, 2003; BEDUSCHI FILHO; ABRAMOVAY, 2004; HALPERN, 2005; ABRAMOVAY, 2006; PERCQUEUR, 2009; SANTOS, 2010; BERDEGUE et al., 2012; SACCO et al., 2013; ESCOBAL et al., 2015; BALEN et al., 2016).

Com relação ao contexto brasileiro alguns autores tem demonstrado interesse sobre o assunto desenvolvimento territorial, no que diz respeito mais especificamente, do âmbito rural (ABRAMOVAY, 2006; WAQUIL et al., 2007; COELHO NETO, 2009; FAVARETO, 2010). Inicialmente as políticas públicas concentradas em desenvolvimento territorial no Brasil e implementadas pela União, não observaram o conhecimento implícito dos territórios nem as necessidades individuais demandadas, fato que ignorou a participação diversificada da sociedade no tocante da criação e manutenção de políticas públicas (COELHO NETO, 2009).

Para Favareto (2010), no Brasil as políticas públicas com cunho territorial atuam, quase exclusivamente, na erradicação da pobreza o que não é sinônimo de desenvolvimento, mas de multissetorialidade.

“Na prática, a associação entre ruralidade e pobreza traz uma contradição: os programas estabelecem um foco, um público prioritário – os pobres rurais, em geral famílias de agricultores –, embora a abordagem se proclame territorial é, pois, multissetorial” (FAVARETO, 2010, p. 307).

Foi a partir da criação da Secretaria de Desenvolvimento Territorial que se evidenciou o fomento da agricultura familiar com o ensejo de resolver problemas ligados a pobreza no ambiente rural, através de recursos provenientes do programa PRONAF. Fato que foi satisfatório por um lado, contudo excluiu os demais atores que não se enquadravam na classificação do

programa e também estavam presentes no território. Isso contribuiu para a instituição do aumento nas diferenças intraterritoriais (SACCO et al., 2013).

Localizações geográficas conjuntamente a fatores culturais são necessários para explicar o desenvolvimento territorial. Questões de identidade cultural devem ser levadas em consideração quando da interferência estatal na promoção do fomento territorial, bem como a interação social entre os diferentes atores da sociedade (SACCO et al., 2013).

Fatores culturais e sociais, sem dúvida, devem ser considerados quando da aplicação de políticas públicas com o objetivo de desenvolver um território, pois não há uma fórmula geral, ou seja, localizações onde determinada política pública é implementada, nem sempre terão o mesmo resultado o qual foi encontrado em outras localizações, devido às estruturas e os processos pré-existentes socioculturais de cada localização (FAVARETO et al., 2015; BALEM, 2016; SHVETSOV, 2017).

De acordo com Albuquerque e Cândido (2011), o Brasil sofre as consequências do passado, a partir de políticas públicas que primavam por interesses políticos e não da coletividade, o que gerou um retardamento nas oportunidades de desenvolvimento do país,

Mediante uma postura centralizada, conformou-se no país um modelo caracteristicamente desenvolvimentista, que concentrava as decisões na escala do poder da União e que supervalorizava os elementos exógenos em detrimento das potencialidades locais (ALBUQUERQUE; CÂNDIDO, 2011. p. 87).

Contudo essa situação começou a ser alterada devido a mobilização da sociedade civil, na busca por resoluções para suas demandas, bem como pela Constituição de 1988, que propiciou a redemocratização brasileira. Nesse ambiente, a União, os Estados e os Municípios identificaram que já era chegado o momento de novas formas de se fazer política, as quais deveriam ser mais amplas, envolvendo a sociedade civil como um todo (ALBUQUERQUE; CÂNDIDO, 2011).

Entretanto, pesquisas demonstram que diversas regiões do Brasil ainda apresentam contrastes no que se refere ao desenvolvimento territorial, devido principalmente às características históricas, culturais, políticas econômicas e sociais (MONASTÉRIO, 2002; CONTERATO; FILLIPI, 2009); em ambientes de fragilidade se observa a dificuldade no acesso a direitos sociais básicos pela

sociedade, como alimentação, saúde e educação e uma enorme diferença no que tange ao desenvolvimento territorial entre áreas rurais e urbanas, no contexto do acesso a tais direitos (CONTERATO; FILLIPI, 2009).

Uma pesquisa realizada por Macke e Sarate (2015), no Rio Grande do Sul, propôs que o território deve ser o fator inicial para fomentar estratégias de desenvolvimento, através de critérios como proximidade social, local e econômica. Dentro dessa perspectiva, os autores colocam que os estudos sobre o assunto devem contar com a atuação dos membros que compõem uma sociedade de forma explícita na constituição dos territórios.

Por outro lado, para que as decisões estratégicas de desenvolvimento ocorram com eficiência e autonomia é necessária melhor qualificação dos indivíduos líderes das organizações da sociedade civil, assim como uma melhor gestão governamental democrática a fim de que os conselhos municipais, submissos aos governos locais, possam atuar de forma a atender as demandas da sociedade rural menos favorecida (BRITO, 2017).

Rodrigues (2018), em um estudo recente, destacou que o processo de desenvolvimento no Brasil é diretamente proporcional a forma de funcionamento das organizações e à eficiência dos resultados, assim como aos aspectos extra econômicos como no caso do capital social.

Foi constatada a relação positiva (0,33) entre os níveis de capital social com os níveis de qualidade de vida, corroborando os resultados que o trabalho de Rodrigues et al. (2012) para uma microrregião brasileira. A relação positiva entre capital social com os níveis de escolarização (0,24) e qualidade de educação (0,15) também demonstra que os níveis de capital social podem ser conformadores de melhores condições para o surgimento aprimoramento do capital humano, também corroborando a hipótese seminal do trabalho de Coleman (1988). Por fim, a relação positiva existente entre capital social e os níveis do PIB per capita (0,17) também corrobora os resultados que Putnam (2000) encontrou para a Itália, neste ponto específico que envolve maiores padrões de renda. (RODRIGUES, 2018. p. 56)

Além disso, a existência de organizações sociais tais como associações e cooperativas, conselhos municipais de direitos humanos e sociais são essenciais para o desenvolvimento. Entretanto, não é utilizado no embasamento normativo de estratégias que visem o desenvolvimento, sobretudo no Brasil (RODRIGUES, 2018).

Com base na teoria exposta e na contextualização quanto ao tema desenvolvimento territorial, a figura 2 possibilita analisar de forma sucinta as premissas acerca de desenvolvimento territorial.

Figura 2 - Premissas acerca do Desenvolvimento Territorial

Premissas	Referencial
(P5) O investimento em mercados locais, a partir da cooperação dos agentes que nele residem, contribui para o desenvolvimento do território.	Ficher (2002) Abramovay (2006) Balén et al. (2016)
(P6) O conjunto de aspectos econômicos, sociais assim como culturais, político-institucionais, ambientais e demográficos contribui para o desenvolvimento de um território.	Milani (2003) Halpern (2005) Waquil et al. (2007) Muls (2008) Pisano et al. (2016)
(P7) A interação social dos atores que compõem as diferentes esferas institucionais (pública, privada e da sociedade civil) contribui para o desenvolvimento do território.	North (1990) Woolcock (1998) Milani (2003) Abramovay (2004) Halpern (2005) Abramovay (2006) Percqueur (2009) Santos (2010) Berdegue et al. (2012) Sacco et al. (2013) Escobal et al. (2015) Balén et al. (2016)

Fonte: Elaborado pela autora

2.3 Síntese do Referencial Teórico

Este capítulo tem como objetivo explorar os conceitos existentes que englobam o tema escolhido para prover esta dissertação. Neste sentido foi interposta de forma sucinta a evolução da teoria do capital social, onde se observou a segmentação deste conceito em termos organizacionais.

Optou-se por fundamentar essa pesquisa a partir da teoria do capital social organizacional, a qual permite inferir sobre resultados alcançados pelas organizações por meio dos elos de confiança, credibilidade, normas e sanções. As quais propiciam a identidade coletiva das organizações, facilitando o fomento do capital social organizacional por meio de uma cultura e vocabulário comum.

Com relação ao ambiente, neste caso interposto como território, foi possível identificar as diversidades e a falta de um conceito unicamente definido quanto ao termo desenvolvimento territorial; isto devido a sua complexidade e multidimensionalidade. Entretanto, o território, levando em

consideração critérios de proximidade social, local e econômica, é capaz de fomentar estratégias de desenvolvimento.

Para isso, deve haver atuação conjunta dos membros que compõem o território por meio do investimento em mercados locais, a partir de relações baseadas na cooperação, competitividade e reciprocidade.

E nesse sentido, o conceito sobre desenvolvimento territorial utilizado neste estudo diz respeito à união dos diversos atores que compõem as diferentes esferas sociais (públicas, privadas e da sociedade civil) a partir de um movimento local, ou seja, de baixo para cima.

Isto posto, e após a identificação de poucas pesquisas, especificamente relacionadas ao capital social organizacional atreladas ao desenvolvimento territorial em ambientes rurais, este referencial teórico forma o arcabouço necessário para compreender a relação do capital social organizacional, presente nas diferentes esferas institucionais, com o desenvolvimento das rotas turísticas Morro de Amores e Caminho Pomerano.

No intuito de sintetizar os principais autores e teorias utilizadas como arcabouço de estudo para viabilidade desta pesquisa, a figura 3 proporciona ilustrar a síntese do referencial teórico proposto.

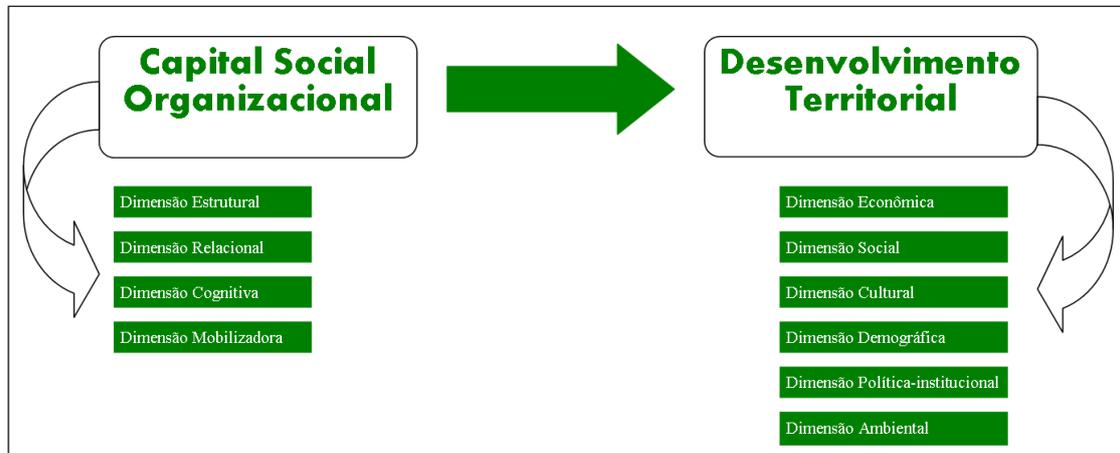
Figura 3 - Síntese do Referencial Teórico

Conceito	Autor	Síntese
Capital Social Organizacional	Nahapiet e Ghoshal (1998) Alves-filho (2006) Arregleet al.(2007) Tondolo (2014) Son (2015) Inkpen; Tsang (2016) Zheng et al. (2017) Strömgren et al. (2017) Nitzsche (2017) Basuet al.(2017) Ado et al. (2017) Cui et al. (2018)	O capital social organizacional se dá por meio das relações sociais dentro e fora das organizações, por meio de regras; formando verdadeiras estruturas ligadas por laços relacionais, os quais formam a identidade do grupo e viabilizam a obtenção e o compartilhamento de recursos
Desenvolvimento Territorial	Woolcock (1998; 2003) Milani (2003) Halpern (2005) North (2005) Abramovay (2006) Waquil et al. (2007) Muls (2008) Conterato; Fillipi (2009) Coelho Neto (2009) Pecqueur (2001; 2009) Macke e Sarate (2015)	Apresenta múltiplas dimensões (sociais, econômicas, culturais, políticos-institucionais, demográficas e ambientais). Entretanto o desenvolvimento territorial se dá a partir da interação social, sobretudo acerca da cooperação, colaboração e reciprocidade entre os diferentes atores que constituem uma sociedade

Fonte: Elaborado pela autora

Para compor o entendimento utilizando as bases conceituais já apresentadas, na figura 4 é apresentado o *Framework* de pesquisa.

Figura 4 - Framework de pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem como propósito apresentar os procedimentos metodológicos adotados nesta dissertação de mestrado na busca por compreender como o capital social organizacional contribui para o desenvolvimento das rotas turísticas Morro de Amores e Caminho Pomerano.

3.1 Tipo de Pesquisa

A estratégia de pesquisa utilizada tem abordagem qualitativa de caráter exploratório-descritivo, onde são analisados dois territórios distintos de turismo rural (Morro de Amores e Caminho Pomerano) por meio de um projeto de estudo de casos múltiplos incorporados (Yin, 2010). Neste sentido o estudo de caso é,

[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes (Yin, 2010, p. 39)

Os casos são comparados por suas "diferenças e semelhanças" (FLICK, 2009, p. 364), ou seja, o estudo de caso de cada um dos roteiros turísticos permite a análise individual e a comparação entre elas (análise cruzada de casos).

O método está relacionado à forma como são coletados e analisados os dados e a metodologia, é o modo como se dá o processo de pesquisa, desde a fundamentação teórica até a análise dos dados (COLLIS; HUSSEY, 2005). Nesta dissertação de mestrado, será utilizada a pesquisa qualitativa, porque

[...] é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida. [...] e a dissolução de 'velhas' desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida. Essa pluralização exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões (FLICK, 2009, p. 20).

Este tipo de pesquisa permite utilizar estratégias dedutivas (GIBBS, 2011), a partir de "conceitos sensibilizantes" (FLICK, 2009, p. 21) no enfoque de conjunturas sociais. A pesquisa qualitativa consiste na assimilação de métodos e teorias, na perspectiva e na diversidade dos participantes, na

reflexão do pesquisador e da pesquisa, e na diversidade de abordagens e de métodos (FLICK, 2009).

3.2 Objeto de Pesquisa

Os objetos de pesquisa foram selecionados devido as peculiaridades que cada rota turística apresenta, bem como suas contribuições e representatividades em suas respectivas localidades. Neste sentido, relações entre as organizações públicas, privadas e da sociedade civil são as unidades de análise deste projeto, pois a união dos distintos atores presentes nas diferentes esferas institucionais (NORTH, 1990; WOOLCOCK, 1998; MILANI, 2003; BEDUSCHI FILHO; ABRAMOVAY, 2004; HALPERN, 2005; ABRAMOVAY, 2006; PERCQUEUR, 2009; SANTOS, 2010; BERDEGUE et al., 2012; SACCO et al., 2013; ESCOBAL et al., 2015; BALEN et al., 2016) possibilitam compreender como o capital social organizacional contribui para o desenvolvimento das rotas turísticas Morro de Amores e Caminho Pomerano.

Entretanto, quanto ao desenvolvimento territorial, devido as vastas possibilidades dimensionais de análise (MILANI, 2003; HALPERN, 2005; MULS, 2008; WAQUIL et al., 2007; PISANO et al., 2016) neste estudo foram utilizadas as dimensões econômicas, sociais, culturais, político-institucionais, ambientais e demográficas a partir da adequação dos instrumentos, inicialmente propostos por Wolcock (1998) e Waquil et al. (2007).

3.3 Técnica de Coleta de Dados

A coleta de dados requer habilidades específicas do pesquisador, treinamento e preparação, assim como o desenvolvimento de um roteiro (YIN, 2010). Dessa forma, esta pesquisa foi realizada da seguinte maneira: no primeiro momento houve a participação da pesquisadora em uma reunião da Associação Morro de Amores, na qual estavam presentes em torno de 30 pessoas das mais diferentes atividades junto ao roteiro (políticos, consultores, empresários, artesãos, diretoria da associação e da comissão de turismo municipal); esse momento propiciou analisar os principais atores envolvidos. Alguns dias após a reunião foi realizada entrevista com o gestor de projetos

turísticos do SEBRAE, o que facilitou o entendimento acerca dos principais atores envolvidos na Rota.

Na sequência buscou-se realizar entrevistas, com atores que realmente fossem engajados no roteiro, no entanto, dos 30 associados apenas 10 se mostraram interessados em participar da pesquisa. Dos quais, um é gestor do SEBRAE, um está ligado ao setor público municipal e os demais ao setor privado (empreendedores e artesãos do roteiro). As entrevistas foram realizadas de maneira individual e nas dependências de cada um dos empreendimentos do roteiro, no intervalo de dois meses.

Concomitante à realização das entrevistas foram realizadas pesquisas em páginas da internet a fim de buscar mais informações sobre o roteiro, no mesmo sentido foram realizados registros fotográficos e análise dos locais visitados, o que oportunizou ver a distribuição de produtos dos empreendimentos do roteiro sendo disponibilizados em rede.

No segundo momento houve a pesquisa junto ao SEBRAE quanto a possibilidade de acessar os contatos dos envolvidos no roteiro Caminho Pomerano; em posse das informações, foi realizada de forma aleatória ligação telefônica para dois atores, os quais indicaram os respondentes subsequentes, tendo em vista o questionamento pela pesquisadora quanto aos principais atores chave no desenvolvimento da rota.

Neste contexto poucas foram as organizações que se interessaram em participar das entrevistas. Segundo o SEBRAE apenas 9 organizações estão ativas no roteiro, e dentro dessa perspectiva, apenas 5 pessoas aceitaram realizar as entrevistas: uma da secretaria de turismo municipal e quatro vinculadas a empreendimentos da rota. Também foi realizada pesquisa junto a internet na busca por identificar informações adicionais. Além disso, foi possível acessar materiais impressos junto às organizações participantes e analisar os ambientes em que estão inseridos.

Esta pesquisa se deu pelo método de saturação da pesquisa qualitativa, ou seja, a partir da

[...] constatação de redundância de informações depende diretamente de certa quantidade de entrevistas realizadas posteriormente à saturação. Assim, o ponto exato de saturação amostral é determinado, logicamente, sempre a posteriori [...] (FONTANELLA et al, 2008, p. 24)

O instrumento de pesquisa conta com 26 questões estruturadas, 10 a partir das dimensões do capital social organizacional (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998; TONDOLO, 2014) e 16 a partir das dimensões do desenvolvimento territorial (WOLCOOCK, 1998; WAQUIL et al., 2007). As quais foram devidamente calibradas e validadas junto aos especialistas: Gisele Silva Pereira, doutora em *Hospitality, Leisure and Tourism Management* e Larissa Medianeira Bolzan, doutora em Administração.

As entrevistas foram aplicadas após o estabelecimento de contato com os representantes das organizações selecionadas, explicando de forma clara e concisa do que se tratava a pesquisa, no intuito de que o possível entrevistado se interessasse pelo assunto, principalmente levando em consideração o meio em que está inserido.

3.4 Técnica de Análise dos Dados

Análise na pesquisa qualitativa, segundo Gibbs (2011), quer dizer transformação, ou seja, existe um processo exaustivo que começa com a coleta de dados e vai até a transformação dos dados em uma análise "clara, compreensível, criteriosa, confiável e até original" (GIBBS, 2011, p.16).

Antes da análise dos dados, as entrevistas, que originalmente foram gravadas em áudio, passaram por transcrição. Foram realizadas quinze transcrições, sendo cinco do roteiro Caminho Pomerano, totalizando 2h e 45 min. de gravação e 23 laudas em documento do Word; e dez entrevistas do Morro de Amores totalizando 6h e 52 min. de gravação e 53 laudas.

A grande diferença no número de entrevistas realizadas entre os dois roteiros se deu em razão da fraca adesão de atores no envolvimento do Roteiro Caminho Pomerano atualmente. Segundo os próprios entrevistados, apenas 9 empreendimentos estão ativos no roteiro. Aliado a isso, dos 8 contatados, apenas 5 pessoas demonstraram interesse em colaborar com a pesquisa, ora por afirmar não ter tempo em responder as questões, ora por desacreditar em pesquisa universitária.

Na sequência, as entrevistas foram transcritas de maneira literal, utilizando inclusive a fala coloquial dos respondentes. A partir da transcrição das entrevistas, os dados foram ponderados pela técnica de análise de

conteúdo. A análise busca ser o mais detalhada possível, dando ênfase a riqueza dos dados coletados. Além disso, permite começá-la no campo, concomitantemente à coleta de dados (GIBBS, 2011).

No intuito de facilitar a interpretação, a análise dos dados foi realizada a partir da criação de códigos e categorias, os quais estão elencados na figura 5. As categorias foram pré-definidas com base no referencial teórico (FLICK, 2009), sobressaindo a partir das quatro dimensões do capital social organizacional (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998; TONDOLO, 2014) e das seis dimensões do desenvolvimento territorial (WOLCOOCK, 1998; WAQUIL et al., 2007).

A codificação de dados qualitativos facilita o processo reflexivo da categorização dos conteúdos textuais, assim como estabelece a estrutura de ideias temáticas. O mecanismo de codificação está disposto num eixo reflexivo distribuído em três etapas: 1) codificação descritiva, a qual utiliza palavras próximas e originais do texto analisado; 2) codificação analítica, que visa aplicar um código que represente a ideia principal do texto, através de um refinamento que garanta uma análise mais aprofundada dos dados; e 3) codificação teórica, etapa que procura desenvolver uma teoria nova ou baseada em teorias pré-existentes, que sugira novas maneiras de explicar os dados analisados (GIBBS, 2011).

Na figura 5 é possível identificar os códigos ou nós, bem como as categorias analisadas e suas respectivas dimensões.

Figura 5 - Códigos ou nós, Categorias e Dimensões

Códigos ou nós	Categorias	Dimensões	Teoria	Autores
LR	Laços de Rede	Estrutural	Capital Social Organizacional	Nahapiet e Ghoshal (1998)
ER	Estrutura de Rede			
VC	Visão Compartilhada	Cognitiva		Nahapiet e Ghoshal (1998)
IC	Identidade Coletiva			
IS	Interação Social			
NR	Normas e Regras	Relacional		Nahapiet e Ghoshal (1998)
CM	Confiança Mútua			

MR	Mobilização de recursos	Mobilizadora		Tondolo (2014)
CR	Compartilhamento de Recursos			
REN	Renda	Econômica	Desenvolvimento Territorial	Waquil et al (2007); Woolcock (1998)
EMP	Emprego			
IEX	Investimento Externo			
EDU	Educação	Social		Waquil et al (2007); Woolcock (1998)
SEG	Segurança			
SAU	Saúde			
AIS	Ambientes de interação social	Cultural		Waquil et al (2007); Woolcock (1998)
AAC	Ambientes de acesso ao conhecimento			
CA	Conselhos administrativos	Político-institucional		Waquil et al (2007); Woolcock (1998)
TRG	Transferência de Recursos pelo Governo			
TRT	Tamanho da rota turística	Demográfica		Waquil et al (2007); Woolcock (1998)
NPE	Nº de pessoas envolvidas com a rota			
GI	Gênero e idade			
SB	Saneamento Básico	Ambiental		Waquil et al (2007); Woolcock (1998)
FN	Fontes Naturais			

Fonte: Elaborado pela autora

Foram entrevistadas 10 pessoas no Roteiro Turístico Morro de Amores, dentre elas, uma pessoa ligada à Prefeitura Municipal, uma da assistência social e oito empreendedores. A escolha dos primeiros respondentes se deu em razão do nível de interação com a Associação do roteiro, posteriormente buscou-se indicações de novos entrevistados a partir dos primeiros. No Roteiro Turístico Caminho Pomerano a escolha pelos entrevistados se deu em função de uma reunião realizada com um gestor do SEBRAE, o qual elencou os principais envolvidos ativamente na rota. Entretanto, apenas 5 pessoas foram entrevistadas no Roteiro Turístico Caminho Pomerano, dentre elas, uma ligada à Prefeitura e quatro empreendedores. Como já foi explicitado no item 3.4 (Técnica de Análise de Dados) a diferença no número de respondentes entre

as duas rotas se deu em função de que a Caminho Pomerano vem apresentando baixa participação dos empreendedores em decorrência da falta de turistas no local, assim como quando contatados, dos 9 ativos, apenas quatro aceitaram participar da pesquisa.

Para preservar o anonimato dos entrevistados foi realizada codificação dos mesmos juntamente a identificação de cada uma das rotas turísticas. Os empreendedores são representados pela letra E, os entrevistados ligados à Prefeitura foram codificados pela letra G e os ligados a assistência social estão representados pela letra S. Para melhor entendimento segue na figura 6 a representação dos entrevistados a partir de códigos.

Figura 6 - Representação dos entrevistados por meio de códigos

Roteiro Turístico Morro de Amores	Roteiro Turístico Caminho Pomerano
RMAG1	RCPE11
RMAE2	RCPE12
RMAE3	RCPE13
RMAE4	RCPE14
RMAE5	RCPG15
RMAE6	
RMAE7	
RMAE8	
RMAE9	
RMAE10	

Fonte: Elaborado pela autora

Cada um dos casos foi analisado individualmente, de acordo com as quatro dimensões do capital social organizacional (estrutural, cognitiva, relacional e mobilizadora) e as seis dimensões do desenvolvimento territorial (econômica, social cultural, político-institucional, demográfico e ambiental). Após, foi realizada análise das premissas teóricas, com o objetivo de identificá-las nos casos analisados.

Posteriormente, posto que cada uma das unidades de análise é um caso, realizou-se a análise cruzada dos casos, no intuito de compreender as semelhanças e diferenças (FLICK, 2009) acerca da teoria do capital social organizacional e do desenvolvimento territorial.

3.5 Sequência Metodológica

Este estudo apresentou a seguinte sequência metodológica:

1º) Identificação e compreensão da forma de atuação dos integrantes de cada uma das rotas turísticas;

2º) Seleção dos possíveis entrevistados, a partir de uma reunião inicial no Morro de Amores, com relação ao Caminho Pomerano foi solicitado ao SEBRAE que disponibilizasse um *mailing* dos componentes do roteiro, para que fossem iniciadas as entrevistas de maneira aleatória;

3º) Aplicação de entrevista aos atores chave no processo de desenvolvimento dos roteiros turísticos: Morro de Amores e Caminho Pomerano;

4º) Tratamento dos dados oriundos das entrevistas - transcrição;

5º) Codificação dos dados tratados;

6º) Análise dos dados - interpretação;

7º) Análise dos resultados e conclusões pertinentes a estes, aliado a arguição de possíveis limitações e sugestões de futuras pesquisas.

3.6 Etapas para validação da pesquisa qualitativa

A validação da pesquisa qualitativa apresenta diversas técnicas, entretanto sua precisão está associada ao fato de eliminar possíveis erros, bem como construir um conjunto reflexivo acerca dos dados analisados (GIBBS, 2011). Deve-se optar pela triangulação metodológica, teórica, de dados e do próprio investigador, tanto na coleta quanto na análise dos dados. Aliado a isso, é necessário observar o quanto as construções do pesquisador estão embasadas nas construtos de referência e até onde esse embasamento é transparente para os demais (FLICK, 2009). Assim, "[...] a produção dos dados torna-se um ponto de partida para a avaliação destes " (FLICK, 2009, p. 345).

Neste sentido, este estudo utilizou os critérios de qualidade e validação da pesquisa de acordo com a reflexividade proposta por Gibbs (2011), conforme o que segue na figura 7.

Figura 7 - Procedimentos de Validação

Teste realizado	Tática do Estudo	Técnicas
Validade do Construto	Revisão teórica da literatura	Busca em periódicos acadêmicos pelas palavras-chave <i>organizational social capital</i> ; <i>territorial development</i>
Validade do Conteúdo	Validação do instrumento de coleta	Validação com 2 especialistas: uma em Gestão Hoteleira, Lazer e Turismo e a outra em Administração
Validade externa	Replicação nos estudos de caso múltiplos	Análise de 2 casos
Confiabilidade	Protocolo do estudo de caso Formação de base de dados	Roteiro de entrevista estruturada com 26 questões baseadas na teoria; Base de dados composta por 15 entrevistas
Credibilidade dos dados	Entrevistas gravadas	Gravação de entrevistas em áudio
Adequação do processo de pesquisa	Teste da teoria	Utilização da base teórica para análise do campo
Fundamentação empírica das descobertas	Aplicabilidade da teoria em razão	Contribuições empíricas

Fonte: adaptado de YIN (2010) e FLICK (2009)

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão abordados os assuntos inerentes ao capital social organizacional e a desenvolvimento territorial, bem como suas dimensões aplicadas ao contexto dos roteiros turístico Morro de Amores e Caminho Pomerano, respectivamente. Por fim será realizada análise cruzada dos casos, no intuito de compreender suas semelhanças e diferenças.

4.1 Rota Morro de Amores

É crescente a criação de rotas turística rurais, principalmente atrelado ao baixo rendimento financeiro presente na agricultura familiar, especialmente na região sul do RS. Estas rotas contribuem para manutenção de renda das famílias, bem como fortalecem à manutenção dos jovens no campo. Seja por critério econômico, sociocultural ou ambiental, os atores envolvidos nesses ambientes visam contribuir com o desenvolvimento de suas localidades.

O roteiro turístico rural Morro de Amores está inserido no município de Morro Redondo, o qual apresenta **244,645** km² (IBGE, 2017) de área territorial, está situado na região sul do Estado do Rio Grande do Sul, entre os municípios de Pelotas, Cerrito, Canguçu e Capão do Leão, com uma população estimada para 2018 de **6546** pessoas (IBGE, 2017).

O roteiro foi organizado em 2014, no intuito de promover a agricultura familiar, sobretudo depois da falência de uma agroindústria localizada no município. Os empreendimentos da Rota estão distribuídos entre zona urbana e rural e divididos em espaço gastronômico, com restaurantes e cafés coloniais, trilha ecológica, uma agência receptiva de turismo, hotel e pousada, agroindústria familiar e artesanato.

O roteiro turístico foi criado por meio da união de diferentes atores, dentre eles, empreendedores, políticos (principalmente uma vereadora que assumiu a causa), técnicos de instituições de assistência (EMATER, EMBRAPA, SEBRAE juntamente com a UCPEL e SENAR) e produtores da agricultura familiar. Estes, atrelados principalmente ao encerramento das atividades de uma agroindústria estabelecida no município de Morro Redondo e que contribuía de maneira majoritária na renda das famílias.

4.1.1 Capital Social Organizacional

Conforme descrito na contextualização teórica, quatro dimensões compõem o conceito de capital social organizacional: Estrutural, Cognitiva, Relacional e Mobilizadora, as quais serão abordadas a seguir.

4.1.1.1 Dimensão Estrutural

A dimensão estrutural é composta por duas categorias de análise: laços da rede e estrutura de rede. A Rota Morro de Amores apresenta formalização por meio de uma Associação consolidada pela participação de empreendedores, artesãos, agricultura familiar e instituições de serviços sociais. Segundo os entrevistados, essa aproximação entre os atores facilita o relacionamento dos empreendedores às instituições como SEBRAE, em primeiro lugar, EMATER, SENAR, EMBRAPA e Prefeitura Municipal de Morro Redondo, e em menor ocorrência a UFPEL.

Para dois dos respondentes a Rota Turística Morro de Amores tem um diferencial em relação aos demais roteiros do interior do RS, são as pessoas que dela participam,

(...) na realidade o capital dela é humano né, então até a gente comenta bastante disso, o diferencial entre rotas que desenvolvem ou que não desenvolvem são as pessoas, como em todos os outros empreendimentos (...) unindo e aprendendo a conviver para que tudo acabasse certo (...) que o que nós precisamos é falar bem um dos outro, esse tipo de negócio, esse negócio na parte de turismo ele não é assim de um vai bem e o outro vai mal, é ou todos vão crescer, ou todos vão ficar onde estão (...) (RMAE3).

O capital social organizacional está presente no roteiro ao que tange a estrutura formada em função do comprometimento de cada instituição; a partir da presença de laços e conexões entre indivíduos e organizações. Isso fica evidente na fala do respondente 1 "(...) cada uma das instituições (...) cada uma fazendo o seu papel é que contribui para a existência da rota hoje (...)" (RMAG1).

Não há uma Secretaria de Turismo no município que fomente o desenvolvimento da rota turística, entretanto, a Associação Turística Morro de

Amores interage, por meio da Comissão Municipal de Turismo, com a Secretaria de Agricultura do município.

A Prefeitura é um órgão que não atua de forma expressiva no desenvolvimento do roteiro, no entanto, a Câmara de Vereadores disponibiliza suas dependências para realização das reuniões mensais da Associação. Um ponto positivo no relacionamento com a Prefeitura, destacado pelos respondentes, é o convênio que a Prefeitura mantém com o SEBRAE. Este convênio possibilita a realização de capacitações e consultorias por meio de subsídio financeiro parcial. Outra organização lembrada pelos respondentes é o SENAR que também auxilia aos empreendedores em diferentes questões, seja na produção agrícola ou no estabelecimento de soluções atreladas aos assuntos turísticos.

A participação do SEBRAE é fundamental à existência da Rota Turística Morro de Amores. A entidade foi citada como a principal instituição que auxilia aos empreendedores a manter e inovar o desenvolvimento do turismo rural no município, "Nós temos(...) o SEBRAE, que do meu ponto de vista é fundamental a participação deles, pela visão de empreendedorismo que eles têm (...)" (RMAE9); "O SEBRAE é um grande companheiro da gente (...)" (RMAE2).

Observa-se a formação de uma rede de cooperação instituída a partir da criação do roteiro turístico, há o entendimento entre os parceiros de que para fortalecer Morro de Amores é preciso fortalecer cada um dos empreendimentos, fato que se dá na preferência pelo consumo de produtos e serviços locais e na divulgação e promoção mútua.

Somado a isso, a cooperação entre distintas instituições e pessoas promove a integração de diferentes saberes, promovendo o desenvolvimento do roteiro e do município,

(...)vejo que após a organização do roteiro, da integração dos empreendedores, e da ampliação do número de empreendedores envolvidos, acredito que a gente teve um papel importante nessa união de entidades(...) Fazer com que as entidades conversem, usem cada um o seu potencial para apoiar o desenvolvimento regional (RMAS5).

Neste sentido, fatores culturais e institucionais contribuem para a existência de parcerias e estabelecem o capital social organizacional, o qual influencia diretamente no desenvolvimento e manutenção das organizações

ligadas à rede de cooperação.

4.1.1.2 Dimensão Cognitiva

Na dimensão cognitiva são observadas as categorias: visão compartilhada, identidade coletiva e interação social. Neste contexto é possível afirmar que há participação de todos os parceiros em prol de objetivos compartilhados em benefício da coletividade. As organizações envolvidas com o roteiro buscam torná-lo promissor e nesse intuito trabalham no desenvolvimento de uma identidade para a Associação e o município, como o que segue nos recortes das transcrições a seguir,

Sim, eu acho que essa reunião que a gente faz na primeira segunda-feira do mês, é que faz dar liga, porque eles participam, então no primeiro momento da reunião é para os parceiros, EMBRAPA, EMATER, SEBRAE, SENAR, UFPEL, então a gente fala por objetivos, bom no mês que vem a gente tem que fazer tal atividade (...) (RMAG1).

Acredito que sim, porque o que a gente sempre trabalha, que dentro do roteiro (...) nós não temos concorrências, nós não vemos o empreendimento de um colega como concorrente, mas como um companheiro, uma parceria, onde um grupo maior de pessoas se reúnem e todos nós temos o objetivo geral em comum, que é de apresentar nossa cidade (...) (RMAE9).

As instituições parceiras no Morro de Amores tomam decisões de maneira compartilhada, fato que vai ao encontro da teoria, porque a identidade de um grupo se dá a partir de ações e ideias comuns. Além disso, a tomada de decisões compartilhada facilita a disseminação de conhecimento, corroborando com o aumento do capital social organizacional.

Com relação a categoria interação social, os respondentes têm pelo menos um encontro mensal, sempre na primeira segunda-feira do mês, na Câmara Municipal de Vereadores, a qual cede espaço para a interação e integração dos empreendimentos e entidades que participam no desenvolvimento da roteiro.

Ocorrem também reuniões em outros momentos, em razão de capacitações, palestras e visitas técnicas em outras rotas turísticas. O que visa explorar oportunidades através de ações mais propícias à aprendizagem e transferência de conhecimento.

Atrelado ainda à interação dos atores, os entrevistados afirmaram que o aplicativo *whatsapp* é um facilitador, porque através dele é possível trocar informações,

(...) para coisas assim mais simples, troca de informações o *whatsapp*, funciona muito bem (...) pra coisas como (...) na semana passada alguém me pediu fruta cristalizada, eu não tenho fruta cristalizada, eu botei no grupo e não levou cinco minutos (...) alguém disse óh eu tenho (RMAE6).

As organizações mantêm interatividade constante, buscando se aperfeiçoar, trocar conhecimento e informações, assim como promovendo o turismo no município de Morro Redondo. Buscam alternativas que facilitem a integração, inclusive quanto ao que tange o relacionamento entre ambientes urbano e rural.

Os empreendimentos e as instituições SEBRAE, EMATER, EMBRAPA e Prefeitura Municipal participam do grupo de *whatsapp* do roteiro, o que promove o envolvimento dos atores em razão do compartilhamento de atuações, ideias e informações, diminuindo a distância relacional e consequentemente aumentando o capital social organizacional.

4.1.1.3 Dimensão Relacional

Na dimensão relacional as categorias de análise são: Normas e Regras e Confiança Mútua. Em razão da análise acerca da existência de regras e normas os entrevistados apontaram que no início, antes da formalização da Associação, não havia essa preocupação, o que se procurava definir era a questão da credibilidade dos interessados em fazer parte do roteiro; a qualidade do que seria ofertado pelo empreendimento.

Concomitante a constituição da Associação um estatuto foi criado em parceria com o SEBRAE e a UCPEL. Entretanto, observa-se que sua finalidade permanece porém com flexibilidade como aponta o respondente 3,

(...) nós temos um código de ética (...) todo um estatuto, realmente ela está bem organizada e a gente procura manter isso não em uma forma tão rígida até porque a visão que pelo menos eu tenho é que quando fica rígido demais perde essa interação(...) (RMAE3).

As regras de conduta do estatuto se deram em razão da preocupação dos parceiros em resguardar o futuro do roteiro turístico rural Morro de Amores,

(...) teve que se criar as regras, maneiras para gente conseguir se organizar melhor, porque no futuro não impacte assim, a gente tem que se preocupar em não descaracterizar a colônia (...) claro é tudo muito inicial mas a gente tem que pensar lá na frente (...) (RMAE7).

Na categoria confiança mútua observa-se que está associada a afinidade e o comprometimento entre pessoas e/ou organizações, principalmente, "as pessoas assumem um compromisso conjunto com o roteiro, a credibilidade e a preocupação em manter, ela é presente sempre" (RMAE9).

Apenas um dos respondentes informou não confiar em alguns dos integrantes do roteiro, porque entende que no seu caso não vê abertura para suas ideias e sugestões, acredita que apenas alguns dos envolvidos tomam decisões,

Não confio totalmente no povo que tá lá, deixa muito a desejar (...) isso é muito ruim para o grupo, poucos decidem o que vai ser feito (...) só que eles não levam em consideração o que a maioria quer (...) (...) querem que a gente fale, mas não pode ser contrário ao que eles falam, isso é ruim porque acaba sendo sempre o que a minoria quer (...) (RMAE2).

Segundo a teoria, a integração entre organizações e o capital social organizacional que seus membros promovem geram confiança, além disso, o capital social organizacional como recurso coletivo repercute positivamente na vida privada dos indivíduos, porém para que ele esteja presente é necessário uma atmosfera que promova a confiança mútua e o senso de unidade.

O SEBRAE é um estimulador de confiança para o grupo e trabalhou isso no início da formação do roteiro, a partir de capacitações realizadas no intuito de fortalecer a cooperação,

(...) nós fizemos tipo um (...) tipo de questionário (...) uma avaliação de nota nível de confiança, nível de conhecimento que cada um tinha em relação ao outro...a gente conseguiu compreender que sim a gente tem mais afinidade com alguns mais que com outros (RMAE3).

Até porque o SEBRAE trabalhou muito isso, essa noção de cooperação, eu já tenho essa formação na minha vida (...) (RMAE7).

A confiança no setor público, de maneira geral, ocorre com ressalvas, porque os empreendedores entendem que por trás do engajamento político há o interesse individual, o que vai de encontro com a ideologia do roteiro, conforme é possível observar na sequência,

(...) essa questão política, não é desconfiança, mas sim o medo de apoiar o outro, aquela velha política nós temos ainda, política como se fosse jogo de futebol, a única coisinha que tem, não nos atrapalha, mas não nos impulsiona como poderia (RMAE7).

(...) mas acho que falta o desenvolvimento de políticas públicas para o turismo, porque há falta, não existe uma secretaria de turismo, o recurso para o turismo é muito pequeno, falta um pouco de visão de que o turismo impacta no desenvolvimento de todo o município (RMAS5).

As organizações que mais geram confiança entre os integrantes são: SEBRAE, EMATER e a própria Associação Roteiro Turístico Morro de Amores. A organização em que os respondentes menos confiam é a Prefeitura Municipal de Morro Redondo, "(...) a prefeitura não dá para dizer, não atrapalhando já está bom (...)" (RMAE3).

4.1.1.4 Dimensão Mobilizadora

Na dimensão mobilizadora estão presentes as categorias mobilização e compartilhamento de recursos. O recurso mais mobilizado no Morro de Amores é o humano, por meio do envolvimento direto dos participantes em razão principalmente de eventos. Há também a contribuição financeira mensal pelos empreendedores, especialmente em função da Associação Rota turística Morro de Amores. "Eu contribuo com capital humano, a gente tem também uma contribuição mensal no grupo. Quando tem as festas eu ajudo (...)" (RMAE2).

De forma geral, o compartilhamento de informações é o recurso mais recorrente e ocorre especialmente via *whatsapp*. Já o compartilhamento de conhecimento acontece a partir dos cursos e consultorias fornecidas pelo SEBRAE, EMATER e SENAR. Quanto ao compartilhamento de objetos e equipamentos, tanto pelos empreendimentos quanto pelas entidades de assistência, se dá especialmente em função dos eventos.

Cada um ajuda e contribui com o que sabe de melhor (...) as pessoas não tem essa questão do egoísmo, é meu é para mim, do meu ponto de vista não acontece, não é perceptivo, a gente tenta trabalhar no coletivo através de parcerias (RMAE9).

(...) No caso do recurso físico, por exemplo, as feiras que a gente tem promovido, as entidades entram com equipamentos, alguma coisa que precise, uma barraca para fazer uma exposição de produtos (RMAS5).

(...) exemplo no ano passado a gente fez uma festa que ao invés do cachorro quente a gente fez o "cusco" colonial, invés de salsicha era linguiça, daí eu levei um forno meu, um forno gigante, porque a gente queria assar linguiça no meio das pessoas para elas sentirem o cheiro (RMAE7).

Mas há especialmente o compartilhamento de ideias e experiências, "De experiências (..) sim, existe o hábito" (RMAE3); "SEBRAE e a diretoria que passa no grupo do *whatsapp*" (RMAE2); "Ah, tem um evento no empreendimento tal, a gente vai lá e ajuda, isso é o que a gente compartilha, mas informações a gente compartilha no grupo do *whatsapp*" (RMAG1). Recursos como informação e conhecimento influenciam positivamente no desempenho das relações entre organizações e são fontes importantes de vantagem competitiva.

Por fim, com relação a mobilização de recursos tangíveis, principalmente recurso financeiro, as organizações ainda não apresentam sustentabilidade, todavia referente aos recursos intangíveis o roteiro trabalha a sua mobilização de maneira eficiente, seja por meio da mobilização de recursos humanos e físicos. Os atores buscam formas alternativas de contribuir com o desenvolvimento da rota, a ideia principal é de que ocorra sempre a participação conjunta em prol do coletivo.

4.1.2 Desenvolvimento Territorial

De acordo com a contextualização teórica, neste estudo seis dimensões compõem o conceito de desenvolvimento territorial: Econômica, Social, Cultural, Político-institucional, Demográfica e Ambiental. Dessa forma a abordagem se dará nessa sequência.

4.1.2.1 Dimensão Econômica

A dimensão econômica apresenta as categorias renda, emprego e investimento externo. Quanto a esta, até o momento, não houve entrada de organizações externas ao roteiro, visto que é vedada pelo estatuto a entrada de organizações que não façam parte do município de Morro Redondo.

Entretanto, já ocorreu a procura para inserção de novos empreendimentos "(...) ah procuraram, mas a gente não, é só do Morro

Redondo" (RMAG1); "Eu acho que tentaram uma vez, mas foram barrados por não ser do Morro Redondo" (RMAE2); "Não, até porque nosso estatuto barra isso" (RMAE7).

Atrelada ainda à categoria investimento externo, algumas das pessoas que hoje compõem o roteiro não viviam efetivamente no Morro Redondo antes da sua existência. No entanto, quando do seu início identificaram a oportunidade de utilizar seus espaços privados, muitas vezes de lazer familiar, para finalidade de renda.

Nas categorias renda e emprego, a implementação do turismo aumentou as vendas no comércio local, especialmente nas lojas de material de construção, assim como aumentou a procura por mão de obra especializada nesta área.

O que eu acredito que aumentou muito foi a venda do comércio, em função do turismo, por exemplo, lojas que vendem material de construção, esse setor do comércio ele é privilegiado, pela situação do turismo porque as pessoas estão fazendo melhorias nas suas propriedades. Então material de obra, emprego nesse sentido, pedreiro, ajudante, serviços gerais (RMAE9).

A ideia de mercados locais é instigada pelo roteiro Morro de Amores, as organizações são parceiras entre si, procuram consumir serviços e produtos dentro do próprio roteiro. Outrossim, a sociedade do Morro Redondo não participa ativamente no roteiro, não conhece, não se interessa e por conta disso não contribui para a sua divulgação de maneira geral.

Em outra análise, a predominância no formato da mão de obra no ambiente rural é familiar, ao contrário do que ocorre na zona urbana, conforme já era esperado, haja vista ao modelo de agricultura familiar instituída no território, "Mão de obra familiar na zona rural, já na área urbana eles empregam pessoas da própria cidade (...)" (RMAS5).

O recente encerramento das atividades de uma agroindústria (COSULATI) situada no município ocasionou o desemprego de mais de 160 pessoas. "(...) o Morro Redondo teve um prejuízo muito grande com o fechamento da COSULATI, eu te digo como moradora e diretora da escola como enfraqueceu financeiramente o poder de aquisição" (RMAE9). Levando em consideração que o município conta com uma população aproximada de 6546 pessoas (IBGE, 2017), e destas, 22% é ocupada de maneira formal (IBGE, 2016), a quantidade de desempregados representou algo próximo

11,11% no município. Por outro lado, isso serviu para que as pessoas vissem no turismo uma oportunidade para auferir renda, bem como prevê a teoria.

Outro aspecto concomitante quanto ao formato dos empregos é a contratação informal de mão de obra assalariada, ou seja, ela se dá sem a devida observação quanto ao previsto na legislação trabalhista brasileira, trata-se de um fato recorrente em municípios menores, principalmente devido ao entendimento de que isso não é visto como ilegal, mas parte da cultura local, "Bem familiar, mas também assalariado. Muitas vezes não é feito de uma forma legal, vamos falar assim, porque não é ilegal, porque é uma realidade daqui (...)" (RMAE7).

4.1.2.2 Dimensão Social

A dimensão social está atrelada as categorias educação, segurança e saúde. Com relação a educação, o nível de ensino (conhecimento explícito) na comunidade é visto como algo importante e é considerado razoável/bom, principalmente em função da proximidade entre, pais, alunos e a escola. "Ele é razoável para médio." (RMAG1); " Eu acredito que tenham um nível bem razoável (...)" (RMAE4).

Ah, acho que o nível de ensino é bom. A gente tem escolas, primeiro e segundo grau, escolas municipais e estaduais. O nível de ensino acho que até superior que nas cidades maiores porque aqui a gente tem maior intimidade com o professor (RMAE3).

Por outro lado, o conhecimento tácito é visto como mais importante do que o explícito, porque gera resultados mais imediatos, ou seja"(...) está mais preocupada com ações e resultados" (RMAG1). E isso, de maneira geral, aproxima as pessoas, facilita o acesso e o compartilhamento do que realmente é visto como importante pelos moradores da região,

(...) eu conheço meus vizinhos tudo são formado, só não tem diplomas, tenho vizinhos que são tão agrônomos quanto outros, tão arquitetos quanto outros (...) tem o saber popular, o saber da terra que para mim tem muito mais valor que diplomas (...) (RMAE7).

Na categoria segurança pública tanto o roteiro quanto o município são considerados lugares tranquilos e seguros para viver, o que denota qualidade de vida aos moradores do território. "Eu acho que ainda é seguro (...)"

(RMAE6); " Aqui tá tranquilo por enquanto" (RMAE10). Por tratar-se de um município pequeno as pessoas se conhecem, e além disso quando estranhos chegam à localidade os cidadãos buscam se comunicar a fim de que se mantenham alerta.

O turismo na região não influencia na criminalidade, tanto que no município estão presentes baixo efetivo da polícia civil e da brigada militar. "Graças a Deus dá para se dizer que Morro Redondo é uma cidade calma, não há muito o que pedir, o que exigir, a gente tá bem equipado, a gente sempre tem 3 ou 4 brigadas" (RMAE8).

Na categoria saúde as condições já foram melhores, havia um hospital que atendia pronto socorro, hoje o atendimento é somente eletivo, a situação não foge ao que acontece no Brasil de maneira geral, "Ué, uma parte do Brasil, não muda muito dos outros lugares, não digo que seja melhor ou pior" (RMAE10); "A gente segue o padrão do país, até onde sei os hospitais são centralizadores, então os recursos humanos e materiais estão teoricamente concentrados em cidades maiores (...)" (RMAE3).

Esta categoria não se relaciona, especificamente, à existência da rota, ela é reflexo do que acontece no Brasil, " Não, isso é a nível de Brasil né" (RMAE9). Por outro lado, é uma preocupação em ao relação ao turismo porque

(...) o hospital fechou. E qualquer imprevisto acontece, mas já aconteceu de um turista resbalar numa pedra (...) porque não tem atendimento nos postos, mas tem ambulância de plantão, então o primeiro atendimento tu tem, mas nada melhor para quem trabalha com turismo teria ter certeza que ter um médico (RMAG1).

4.1.2.3 Dimensão Cultural

A dimensão cultural está atrelada as categorias: ambientes de interação social e ambientes de acesso ao conhecimento. Nesse sentido, há ambientes de interação e ocorrem, principalmente, em função da promoção dos empreendimentos do roteiro,

Sim, um deles é nas reuniões da associação, os empreendedores, quem faz parte do roteiro tem que conhecer o trabalho do seu vizinho, então a gente procura ir conviver, e a gente tem a preocupação de estimular, se tá tendo uma atividade que a gente sabe que tem num empreendimento a gente vai, isso serve de incentivo (RMAE9).

A interação também ocorre na Igreja, no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) e em festas e eventos que a Associação organiza no decorrer do ano. As organizações também procuram promover confraternizações de final de ano, que ocorrem na sede dos empreendimentos. Além disso, são realizados encontros sem motivo especial "A gente tem um grupo que a gente chama de G9, que é alguns desses da associação que fazem janta (...)" (RMAG1); "Sim, jantas, amizades, reuniões (...) fora isso, tem grupos que se reúnem por afinidade (...)" (RMAE3); "(...) rola uma jantinha, rola uma coisa mais informal, isso é muito legal, tem que ser divertido para ser sustentável" (RMAE7).

Por outro lado, existe a divisão quanto a interação entre estabelecimentos das zonas urbanas e rurais, a interação depende muito de onde as organizações do roteiro estão situadas no município, porque embora Morro Redondo seja um município pequeno, as distâncias geográficas tornam intercâmbios culturais mais difíceis.

Alguns sim, mas outros não, depende da localidade onde mora, eu acho que tá mais na localidade, eu tenho notado que o pessoal ali do Morro Redondo, mais núcleo urbano, eles tem uma convivência bem interessante, eles se conhecem bem (...) Já com os daqui não tanto (...) é regionalizado eu diria, o município não é grande mas para isso acaba sendo, com as distâncias fica mais difícil um pouquinho (RMAE6).

Na categoria ambientes de acesso ao conhecimento, na rota os integrantes buscam se atualizar, adquirir conhecimento e informação por meio das consultorias e cursos ministrados pelo SEBRAE, SENAR e pela EMATER. "Eu acho que sim, tem se buscado muito com as formações do SEBRAE, e também com relação a agricultura o pessoal tem feito com o SENAR (...)" (RMAE7); "Nós estamos muito ligados ao que o SEBRAE nos ajuda, EMATER, a gente recebe muita informação pronta (...)" (RMAE3).

Eu penso que uma das formas de se manter atualizado é através do trabalho ofertado pelo SEBRAE, eu vejo eles como uma parceria que nos ajuda a pensar na melhor maneira de fazer um trabalho de empreendedorismo (...) (RMAE9).

A internet atrelada a utilização de aplicativos de conversação facilitam o acesso ao conhecimento, "(...) alguma coisa na internet, eu vejo o pessoal do artesanato, buscando ideias, agora isso é comum" (RMAE6); "Aqui a gente tem acesso a internet, então a gente tenta buscar ideias, informações essas coisas (...)" (RMAE7); (...) tem uns que tem mais entendimento, esse *face* ajuda

bastante (...) (RMAE4).

Bom, hoje os meios de comunicação são bem acessíveis, as redes sociais, enfim, eles usam as mesmas possibilidades da zona urbana, eles também tem acesso, tem sinal de internet, rádio e TV, não é um município isolado (RMAS5).

4.1.2.4 Dimensão Política-institucional

A dimensão política-institucional está baseada em duas categorias: conselhos administrativos e transferências de recursos pelo governo. Morro Redondo não possui Secretaria de Turismo, mas um Conselho constituído principalmente pelas organizações que compõe a rota turística (empresas, sociedade civil e entidades de assistência), " (...) o município tem uma comissão de turismo (...) mas não tem um departamento de turismo" (RMAE7).

A escolha dos representantes do Conselho e da Associação se dá por meio de votação, onde as pessoas se auto indicam para concorrer. "Tem a diretoria, que a gente escolhe votando. São as próprias pessoas que dizem que querem participar e daí a gente vota nelas" (RMAE4). "Sim, através das comissões e da diretoria da instituição Morro de Amores (...) São escolhidos por eleição" (RMAS5).

Na representação do roteiro em eventos, reuniões ou palestras, as pessoas se disponibilizam de acordo com o conhecimento no assunto. Além disso, os integrantes procuram fomentar a participação de todos os associados, no intuito de integrar os parceiros

Sim, geralmente é a diretoria da associação, quando alguém não pode eles indicam a Associação. E sempre quando tem reuniões ou seminários de turismo, a gente tenta levar dois empreendedores diferentes, para que eles se sintam valorizados (...) (RMAG1).

(...) tem a comissão dessas festas, é uma comissão a parte, a escolha é feita nessas reuniões da primeira segunda do mês, é pedido assim, quem possa ajudar na comissão dessa festa e as pessoas se doam para isso (RMAE8).

Com relação a categoria, transferências de recursos pelo governo, praticamente inexistem recursos financeiros, e isso é um agravante à manutenção da rota, "A gente não recebe recurso de ninguém e é uma das grandes dificuldades que a gente tem também é a parte financeira (...)" (RMAE10).

No município a Secretaria de Agricultura disponibiliza ao roteiro turístico rural um recurso anual com valor em torno de cinco mil reais, o qual é utilizado para manutenção das placas e estradas do interior. "O apoio que vem da Prefeitura Municipal, por meio de algum tipo de serviço que eles precisam, sinalização turística do município (...)" (RMAS5); " (...) a única coisa que tem é esse recurso lá na secretaria de agricultura, que a gente conseguiu fazer as placas, as estradas, as podas, mas em recurso financeiro não teria (...)" (RMAG1).

A Prefeitura financia também parte da assistência prestada pelo SEBRAE aos empreendimentos do roteiro, "Prefeitura, financeiramente, ajuda a pagar os cursos do SEBRAE, o SEBRAE paga um tanto, a gente um tanto, que é a contrapartida que eles chamam, e a prefeitura também, isso é muito importante" (RMAE2);

Junto ao SEBRAE nós fizemos um convênio de recursos financeiros para apoiar a rota, porque os nossos projetos tem 65% de subsidio de recursos próprios do SEBRAE e 35% ele vem dos empreendedores e de convênios que a gente consegue gerar (...)" (RMAS5).

4.1.2.5 Dimensão Demográfica

A dimensão demográfica é representada pelas categorias: tamanho da rota turística, número de pessoas envolvidas com a rota, gênero e idade. Na categoria tamanho da rota turística, o seu incremento poderia contribuir para o seu desenvolvimento porque aumentaria a diversificação de produtos, o que atrairia mais turistas. "Eu acho que sim, isso ia melhorar ainda mais, poderia ter mais estabelecimentos, e assim aumentaria o pessoal da rota e diversificaria talvez o que as pessoas vem a fazer (...)" (RMAE2).

Por outro lado, o aumento do território comprometeria a gestão e a base do roteiro, "Não, porque a ideia é de que a gente trabalhe forte com o que tem aqui, se aumentar muito vai perder a característica da rota com fundo da agricultura familiar. O que se busca é a subsistência das famílias" (RMAE7).

A diversificação também favoreceria aos turistas mais opções de lazer e isso de forma geral agregaria valor aos demais empreendimentos, "(...) aumentar o número de pessoas vai aumentar o número de produtos, porque não vai se repetir produto, todo o roteiro tem a ganhar (...)" (RMAG1). O que

vai ao encontro das orientações teóricas: desenvolvimento competitivo e desenvolvimento pela cooperação ou solidariedade.

Morro de Amores sente a necessidade de pessoas com visão empreendedora e recurso financeiro para investir no roteiro, "O que melhoraria a rota seria investimento, investimento, e não é investimento barato. Pessoas com dinheiro, vou botar um restaurante tem que ser algo que preste" (RMAE10). Ainda são poucos os moradores de Morro Redondo que vislumbram no roteiro a possibilidade de lucratividade, fato que se agrava com o previsto no estatuto da Associação, visto que é vedada a entrada de organizações externas a Morro Redondo

Empreendedores sim, eu tenho a visão que estamos precisando, infelizmente, de pessoas de fora, as pessoas do local vão demorar muito tempo para perceber essa oportunidade. (...) nossa cidade não tem o recurso para bancar isso, mas nós temos um fluxo de pessoas vindo aqui, que elas entram com dinheiro no bolso e voltam com o mesmo dinheiro, e nós não vendemos nada, estamos sendo muito ruins nesse aspecto, faltam empreendedores com tempo, dinheiro e visão, é lamentável (RMAE3).

No entanto, o roteiro tem contribuído com o desenvolvimento dos demais empreendimentos dispostos no município, "A grande maioria participam e se beneficiam, e outras só se beneficiam e ainda criticam" (RMAG1); "(...) todos são beneficiados. O meu cliente é cliente do meu vizinho (...)" (RMAE3).

(...) tipo posto, farmácias, mercados, que não fazem parte do roteiro, mas estão nesta rota do Morro Redondo, todo mundo já sente de alguma forma essa demanda (...) esse turista, de deixar esse dinheiro aqui (...) eu vou ampliar porque eu tô recebendo turista e eu vou na loja de material de construção (...) (RMAE8).

(...) sim porque muitos já estão colhendo os frutos da rota Morro de Amores, além dos associados tem também os outros empreendedores da cidade que de alguma forma ganham com o funcionamento da rota(...) (RMAE7).

Na categoria gênero e idade, de forma geral, Morro de Amores tem maior representatividade por mulheres, entre 30 e 50 anos, embora os empreendimentos sejam compostos por casais. "Mulheres, é uma mistura (...)" (RMAG1); "Acho que são mulheres(...) os homens participam, mas eu vejo a proatividade das mulheres, que vão atrás, que buscam (...)" (RMAE3); "(...) tem muito casal, quem toma a frente são as mulheres (...)" (RMAS5).

4.1.2.6 Dimensão Ambiental

Nesta dimensão, são analisadas as categorias: consciência por parte da população quanto ao saneamento, tratamento de esgotos e destino dos lixos, e consciência da população quanto a sustentabilidade das fontes naturais.

O esgoto produzido sempre foi uma inquietação para o moradores da localidade, mas após a instituição do roteiro essa preocupação aumentou. Aparentemente não existe o respaldo do governo municipal acerca do tema, e cada empreendedor procura, a partir da construção de fossas e estações de tratamento improvisadas e criativas, dar um fim ecologicamente correto aos dejetos.. "(...) esgoto , a gente tem a fossa. Tudo é tratado, já tinha essa preocupação"(RMAE4).

(...) preocupação que cada um deve ter com isso, mas esse é um problema seriíssimo. Não digo que não existia, mas se intensificou (...)
 (...) O esgoto é muito de cada um, eu acho que os da cidade não sei se tem ligação de esgoto. Eu aqui além de fossa, tenho uma mini estaçãozinha de tratamento com plantas, ajuda bastante (RMAE6).

Com relação ao lixo, os empreendedores contam com coleta seletiva, inclusive na zona rural (ocorre a cada 20 dias), o que permite uma conscientização maior sobre o descarte correto do lixo que pode ser reciclado.

(...) o lixo mesmo deveria ser 100% reciclado né, já aconteceu, então o empreendedor não pode simplesmente misturar o lixo todo junto, a comida, o papel, a pet, eles tem que se preocupar porque é uma exigência do município (...) (RMAG1).

Um fator condicionante para que os empreendedores tenham responsabilidade na destinação do esgoto se dá ao apelo ecológico da rota para atrair turistas. "Sim, a gente lida com turista né, não faz sentido não cuidarmos da base do que é nossa rota turística" (RMAE2); "Sim, a pessoa que é empreendedora, que disponibiliza sua propriedade para visita já tem que ter essa preocupação (...)" (RMAE9).

Na categoria manejo consciente das fontes naturais observa-se principalmente a preocupação dos moradores quanto a sustentabilidade ambiental atrelada a diminuição do uso de agrotóxicos em lavouras, e isso se identifica pelo aumento de agricultores voltados a produção de orgânicos, "(...) mananciais de água também porque é uma necessidade, aqui tem agricultores de orgânicos, não sei te dizer quantos, mas é um número grande (...)"

(RMAE6).

Outro fator que causa inquietação aos moradores da rota é a poluição excretada pelas agroindústrias locais nos arroios e riachos do município, isso é visto como algo prejudicial ao futuro do roteiro turístico, "Sim, existe, porque já tem bastante informação. Principalmente as pessoas ligadas ao roteiro estão bem conscientes, senão a gente vai estar destruindo nosso ganha pão" (RMAE3).

Na rota há, mas não tem a outra parte, tem uma empreendedora que briga incansavelmente com o executivo, em relação aos arroios (...) Até a EMATER nos dá um suporte, o Senar nos traz curso de saneamento, de água potável, mas como roteiro a gente não pode mudar o município (...) só na parte de saneamento que não tem o que fazer, como melhor, porque a gente 5 agroindústrias de conserva na cidade, então isso não é de hoje (...) (RMAG1).

Na figura 8 a seguir está representada a síntese do roteiro Morro de Amores.

Figura 8 - Síntese do Caminho Pomerano

Construto	Dimensão	Síntese
Capital Social Organizacional	Estrutural	Estrutura e laços relacionais definidos, o que repercute em colaboração e cooperação mútua
	Cognitiva	Identidade coletiva baseada nos ideais estabelecidos entre os parceiros
	Relacional	Presença de normas e regras formalizadas, assim como confiança mútua
	Mobilizadora	Mobilização e captação de recursos baseados no desenvolvimento de cooperação entre os parceiros
Desenvolvimento Territorial	Econômica	Renda e emprego baseados em mercados locais com formação de redes de cooperação
	Social	O nível educacional é satisfatório para realidade do território. Quanto a saúde mantém os padrões brasileiros, entretanto não é visto como negativo pelos moradores da localidade. A criminalidade é ausente, o que é visto como positivo para qualidade de vida da população local
	Cultural	Presença de ambientes de interação, o que facilita a manutenção dos laços relacionais e a presença de capital social organizacional
	Político-institucional	A ausência de uma Secretaria de Turismo e presença de uma Comissão de Turismo, mas é a Associação do roteiro em parceria com as diferentes instituições e atores que viabiliza o seu

		desenvolvimento
	Demográfica	As mulheres adultas são as responsáveis pelo desenvolvimento do roteiro turístico rural, assim como pela renda familiar
	Ambiental	Preocupação quanto ao desenvolvimento de aspectos ligados ao manejo consciente de fontes naturais e o descarte correto de dejetos

Fonte: a autora

4.2 Rota Turística Caminho Pomerano

O Caminho Pomerano está localizado na cidade de São Lourenço do Sul, situada ao leste da região sul do Estado do Rio Grande do Sul, é um município banhado pela Laguna dos Patos, com um território de 2.036,125 km² de área, com uma população estimada de 43.625 pessoas (IBGE, 2018).

São nove os empreendimentos atuantes no Roteiro Turístico Caminho Pomerano, os quais estão localizados, em sua totalidade na zona rural de São Lourenço do Sul, especificamente nos Distritos: Banhado Grande, Boqueirão, São João da Reserva e Coxilha do Barão. A sua formação se deu de maneira semelhante a da Morro de Amores, a partir da agricultura familiar, porém com ênfase na cultura pomerana.

Estão presentes empreendimentos relacionados: a gastronomia (restaurantes e cafés coloniais), a criação de gansos, a floricultura, a museu e acervo familiar, a plantas e ervas medicinais e uma agência receptiva de turismo, assim como uma pousada.

A rota turística Caminho Pomerano está formalizada por meio da Associação Caminho dos Pomeranos fundada em 06 de outubro de 2015, todavia já atua desde 2005.

4.2.1 Capital Social Organizacional

Conforme descrito na contextualização teórica, quatro dimensões compõem o conceito de capital social organizacional: Estrutural, Cognitiva, Relacional e Mobilizadora. E essas dimensões serão abordadas nessa sequência.

4.2.1.1 Dimensão Estrutural

Com relação a categoria laços de rede, a rota Caminho Pomerano apresenta laços fracos e pouco estruturados. Sua formalização a partir da Associação Caminhos dos Pomeranos não interfere na formação de capital social organizacional. Embora ocorra a participação da Secretaria Municipal de Turismo, da EMATER, do SEBRAE e dos empreendimentos ainda assim, na prática os laços relacionais não se evidenciam, o que vai de encontro a teoria do capital social organizacional, porque as relações entre organizações são necessárias para promover resultados conjuntos mais eficientes.

A estrutura atual do Caminho Pomerano apresenta de maneira superficial a formação de uma rede de cooperação, observa-se esporadicamente o fornecimento de produtos por parte das agroindústrias, assim como do artesanato para os empreendimentos mais atuantes no roteiro, fato agravado pela falta de interação entre as organizações

(...) essa rede entre os empreendedores que atendem.,que recebem turismo no caminho, tem agroindústrias que também fazem parte dessa associação e elas fornecem insumos para o café, para o almoço, tem o pessoal que trabalha com artesanato que também faz parte dessa associação e que também contribuem (...) (RCPE11).

No entanto, chama atenção o fato de que o respondente 5 da Secretaria de Turismo, ao contrário dos demais, acredita que ocorre a formação de uma rede de cooperação,

(...) não engloba somente os empreendimentos que atendem o turista, então cria-se uma rede que envolve outros (...) então o produtor rural de produtos orgânicos, ou que produz queijo, biscoitos vai estar envolvido então nessa rede, assim com as agências também. Cria uma rede voltada para o turismo tem aqueles que lidam diretamente com o turista e indiretamente que se beneficiam também (...) (RCPG15).

Ao que os dados indicam, no início, o roteiro parecia que favoreceria a formação de uma rede de cooperação, mas com o decorrer dos anos isso não se consolidou, "No início foi muito legal né, todo mundo se uniu, tivemos muito apoio da Prefeitura na época quando foi fundado, e hoje não é mais assim, parece que caiu um pouco" (RCPE13). Não ocorre porque o turismo e a ideia de coletividade não fazem parte da cultura das pessoas que vivem na região,

"Hoje ela tá contribuindo pouco, porque a nossa região aqui, metade sul (...) nós falar de turismo é complicado, não temos cultura para isso, não temos ideologia (...)" (RCPE12).

Olha é bem difícil, muito difícil, essa rede aí eu diria que praticamente não existe (...) eu acho assim (...) o pessoal dentro da rota Caminho Pomerano, cada um trabalha muito individualmente, não tem aquela rede de compartilhar as coisas, isso aí não existe (RCPE14).

A teoria prevê que a qualidade e a estrutura dos laços relacionais viabilizam a formação de redes de cooperação, no entanto nesta rota compreende-se que há falta de indícios que indiquem a presença dessas categorias, o que pressupõem-se ausência de capital social organizacional no território.

4.2.1.2 Dimensão Cognitiva

Na dimensão cognitiva as categorias de análise são: visão compartilhada, identidade coletiva e interação social. O compartilhamento de objetivos é falho nesta rota, em parte em função da baixa procura por turistas no roteiro.

Muito pouco compartilhamento, existe muita individualidade, não que a pessoa seja individualista, é que hoje o turismo é muito fraco na nossa região, eles não tem só o receber turista como renda, eles precisam trabalhar em outras atividades, disponibilizar outros meios de ganho, e é isso que eles fazem, são tudo agricultores aqui fora, que participam do Caminho Pomerano (...) porque só o turismo não tá produzindo renda para sustentar a família (...) (RCPE12).

A Secretaria de Turismo e o SEBRAE promovem eventos que corroboram para a formação de uma identidade coletiva no intuito de promover o roteiro e o município, principalmente em função da promoção da cultura pomerana,

Sim, o objetivo de desenvolver o município, desenvolvimento da zona rural, no caso, através do turismo. Alguns eventos, seminários de turismo que o município organizou, com o objetivo de mostrar essa rota, assim como o SEBRAE proporciona essas rodadas de negócios (RCPE11).

A Associação realiza reuniões mensais, as quais servem para promover o debate acerca do que está sendo realizado e do que pode ser melhorado na rota, "Que serve para gente discutir, debater, ver o que está ruim, o que tem

que ser melhorado, também para elogiar quando a gente faz alguma coisa boa (...)" (RCPE14). Nessas reuniões eventualmente a Secretaria de Turismo e as entidades de assistência participam, a ocorrência é mais em função dos empreendedores. Fato que contribui para o distanciamento e a inexpressividade de capital social organizacional atrelado a interação social,

A associação tem reuniões mensais com os associados e os empreendedores (...) se reúnem para discutir os passos a serem tomados pela associação, eventualmente a Secretaria de Turismo e a EMATER fazem parte (...) (RCPE11).

De acordo com a teoria a presença de visão compartilhada, identidade coletiva e interação social viabilizam a formação de capital social organizacional, fato que nesta rota não ocorre de maneira eficiente.

4.2.1.3 Dimensão Relacional

Nesta dimensão as categorias analisadas são: normas e regras de conduta e confiança mútua. Nesse sentido, existe um regimento interno criado desde o início da rota e um estatuto que foi formalizado juntamente à fundação da Associação, "Sim, nós temos o regimento interno e um estatuto, está tudo regularizado (...)" (RCPE13).

Não é possível afirmar como se dá a confiança mútua no Caminho Pomerano, porque os indivíduos não sentiram-se a vontade para falar a respeito, "Média (...) média. Puxa (...) é uma pergunta bem complicada" (RCPE14). Entretanto, mais uma vez, ao contrário dos demais respondentes, o ente público foi o único com o entendimento de que existe alta confiança entre os integrantes, devido principalmente ao trabalho realizado em conjunto,

Eu acho que tem uma confiança grande, até porque as decisões são em conjunto, quando tem a participação em um evento ou por exemplo até o valor que eles cobram do turista, é uma decisão conjunta (...)eles tem uma boa relação de confiança, principalmente nos que recebem os turistas pois acabam se envolvendo mais (RCPG15).

Embora tenha sido considerado pelos respondentes um assunto difícil, a maioria conseguiu elencar organizações em que mais ou menos confiam, atrelado ao aspecto afinidade, "(...) eu não sei te dizer em quem eu confie menos, não é a questão de eu achar ruim, é uma questão de que com uns eu

me sinto mais confortável" (RCPE11).

Baseando-se na teoria e no teor das respostas a confiança na rota turística Caminho Pomerano está diretamente ligada a credibilidade, ou melhor, na qualidade do que é oferecido pelas organizações participantes, sejam empreendimentos ou entidades de assistência ao empreendedor; fato que influencia negativamente no desenvolvimento de uma rede de cooperação. O que compromete a presença de capital social entre as organizações do roteiro, inclusive porque a confiança mútua atua como facilitador no prospecto de atores econômicos.

4.2.1.4 Dimensão Mobilizadora

A dimensão mobilizadora está dividida em categorias: mobilização de recursos e compartilhamento de recursos. Recentemente, a partir da assunção da nova diretoria, é que houve a preocupação em captar recursos financeiros para investir na manutenção do roteiro,

(...) como a gente tá fazendo parte da diretoria agente tá indo atrás de captar recursos financeiros (...) fizemos um projeto para o Sicredi, que tinha uns recursos ali para a gente poder tem um (...) para fazer a nossa folhetaria (RCPE11).

Recursos humanos são apontados como recursos disponibilizados por todos parceiros em prol do roteiro,

(...) eu busco visitantes nesses eventos proporcionados pelas entidades (...) o SEBRAE, EMATER, enfim, vou atrás de pessoas para fazer a visitação né (...) mas estou sempre disposta a ajudar (...) assim como sou vice presidente da associação, então seria uma parte de recursos humanos que eu estou me dispondo a trabalhar (RCPE11).

O compartilhamento de recursos (informações, conhecimento, objetos) ocorre principalmente a partir das consultorias realizadas pelo SEBRAE, "Sim, (...) conhecimento, o SEBRAE presta consultorias, e também como eu falei disponibiliza a informação das feiras (...)" (RCPE11).

Quanto a partilha de informações, dois respondentes afirmaram que ocorre por meio das reuniões, nas redes sociais e aplicativos de comunicação, "De várias formas, em reuniões, no *whatsapp* né, (...) a tecnologia é o que mais ajuda" (RCPE13). Entretanto há ressalvas a respeito, porque o sinal de internet

não é eficiente na zona rural de São Lourenço do Sul, outrossim tem um preço alto comparada à zona urbana.

A mobilização de recursos em razão das próprias organizações é escassa, e o pouco que conseguem extrair do roteiro turístico é reinvestido na propriedade. "Praticamente eu sozinha né, isso eu vejo uma dificuldade (...)" (RCPE13); "Físicos, são recursos próprios, eu trabalho bastante mais virtual, o pessoal me pediu uma cotação, um orçamento (...)" (RCPE11).

Quanto a dimensão mobilizadora, não se observa no roteiro estratégia na mobilização e compartilhamento de recursos, tanto tangíveis quanto intangíveis, o que é premissa à própria manutenção das organizações.

4.2.2 Desenvolvimento Territorial

De acordo com a contextualização teórica, neste estudo seis dimensões compõem o conceito de desenvolvimento territorial: Econômica, Social, Cultural, Político-institucional, Demográfica e Ambiental. Dessa forma a abordagem se dará nessa sequência.

4.2.2.1 Dimensão Econômica

Na dimensão econômica observa-se as categorias: renda, emprego e investimento externo. Na categoria investimento externo, grande parte dos empreendimentos do roteiro pertencem a pessoas que já residiam na localidade, com exceção de um empreendimento, "Até então, as pessoas que fazem parte da rota são moradores de lá, com exceção da Casa da Schimier" (RCPE11).

No início, a rota era composta por 60 pessoas/estabelecimentos, mas com o decorrer do tempo, devido a falta de estrutura local e procura pelos turistas, ocorreram desligamentos, "(...) Acho que, se não me engano eu sou uma das 60 pessoas que existia na rota o resto saiu todo mundo" (RCPE14).

Fato que corrobora com a baixa demanda por participação no roteiro é que a população lourenciana não prestigia e tampouco conhece o Caminho Pomerano ou busca fomentar o seu desenvolvimento.

A grande maioria das pessoas de São Lourenço não conhecem o

roteiro, não saberiam informar a respeito ao turista o que é roteiro Caminho Pomerano, não é falta de interesse nosso, que trabalhamos com isso, mas é falta de interesse da própria população mesmo (...)entre gastar no próprio município e gastar fora, conhecer uma outra coisa fora, eles valorizam mais o que está fora (...) (RCPE11).

No roteiro a mão de obra é massivamente familiar, contando as vezes com a contratação de diaristas. "O meu é só familiar. A maioria é (...) O único que usa bastante é da Casa da Schimier, o resto é familiar (...)" (RCPE13).

(...) do caminho, a maioria é familiar, com exceção da Casa da Schimier que ele contrata pessoas para trabalhar, quando recebe os grupos né, (...) Mas nos outros lugares, basicamente, é familiar assim, trabalha o casal, chama a sogra e o sogro, no dia que tem o grupo (RCPE11).

Outra questão é que o agricultor não pode contratar funcionário, pelo menos com carteira assinada, senão, segundo os entrevistados, não se aposenta como agricultor, haja vista a sua diferenciação quanto a legislação previdenciária,

Nos empreendimentos do Caminho Pomerano todos tem sua renda própria, nenhum tem funcionário, porque até meio ano atrás quando saiu a nova legislação que o agricultor familiar poderia ter um funcionário e não perderia a tal aposentadoria, mas isso na verdade até hoje não existe (...) ele tem na cabeça dele que se botar um empregado não vai se aposentar como agricultor, então nenhum de nós tem empregado nenhum com carteira assinada (RCPE12).

Ainda sobre o formato da mão de obra, a falta de mão de obra contratada se dá em função da falta de recursos financeiros disponíveis devido a escassa demanda turística no local.

Aqueles que tem, tem(...) Agora sábado nós vamos receber 30 pessoas, nosso tarifário é 10 pediram para baixar para 5, porque são funcionárias públicas então ganham pouco, e hoje eu tô com duas funcionárias aqui, cada uma cobra 50 reais, 5 vezes 30 dá 150 reais. Cada uma cobra 50, então já dá 150, o que me sobra 50 reais. É bem assim que funciona (RCPE14).

Na categoria renda, fica evidente que o turismo no Caminho Pomerano não contribui de maneira satisfatória às famílias da localidade; a lucratividade é baixa, fato que desanima os empreendedores quanto a participação na sua continuidade.

4.2.2.2 Dimensão Social

Na dimensão social são observadas três categorias: educação, segurança e saúde. As condições de educação na localidade e no município são identificadas como satisfatórias. O município conta com um polo da FURG e faculdades no formato EaD, o que facilita o acesso da comunidade ao ensino superior. Atrelado a isso, existe a facilidade de estudar nas universidades de Pelotas devido a sua proximidade ao município. Existem linhas diárias de ônibus que proporcionam o acesso, tanto das áreas urbanas quanto rurais.

Aqui na região, assim como em todo município, todas crianças estudam, todos vão para o colégio (...) nós em São Lourenço temos vários cursos de faculdade, a FURG que tá aí, em matéria de ensino para o jovem, adolescente que quer estudar, tem, tem acessibilidade, tem o ônibus que faz linha São Lourenço- Pelotas, tem o ônibus que passa aqui na frente (...) (RCPE12).

O elevado nível de ensino é visto como positivo pela comunidade, porque contribui para o desenvolvimento do município,

(...) o filho de um colono esteja na agricultura, ele precisa de conhecimento porque do jeito que a tecnologia está e surge tanta coisa, quem não estuda não tem como acompanhar o desenvolvimento (RCPE13).

No município eu não sei percentuais, a gente até tem o polo da FURG aqui, alguns cursos EaD, mas tem um grande deslocamentos de jovens para estudar nas universidade de Pelotas, então eu vejo que tem essa tendência para o ensino superior profissionalizante. Eu acho que para aprimorar o serviço e capacitar as pessoas para atuar nas áreas do município (RCPG15).

Por outro lado, melhores níveis de ensino estimulam a saída das pessoas para outros territórios em busca de melhores condições de renda e trabalho,

As que realmente continuam, que vão para uma faculdade ou mais além da faculdade, vão embora porque aí nós não temos aqui, poucos que ficaram, poucos médicos, dentistas, engenheiros civil que tenham se formado não temos mercado, nem aqui, acho que nem Pelotas (RCPE12).

A criminalidade é um fator preocupante para os moradores do Caminho Pomerano, "Zero à esquerda. Nada, a criminalidade é alta. Roubo principalmente (...) o roubo de noite corre frouxo, até durante a festa" (RCPE14). Na área urbana também tem ocorrido mais episódios de atos criminosos, principalmente assalto, fato que inviabiliza inclusive o turismo nas praias de São Lourenço do Sul,

Olha, a criminalidade era muito baixa até pouco tempo, mas esse ano começaram a surgir mais assaltos, enfim, alguns homicídios. A gente começou a se preocupar um pouco mais porque, eu antes até vendia a cidade como extremamente segura (...)mas começaram a acontecer alguns assaltos em lotéricas e em lojas (RCPE11).

A categoria saúde é amplamente satisfatória, há postos de saúde espalhados pelo município, "Agora nós estamos bem aqui, de uns 10 anos para cá foram reconstruídos novos postos de saúde, no interior do município (...)" (RCPE12), dois hospitais que realizam cirurgias, um na área urbana e outro na zona rural (no distrito de São João da Reserva).

Além disso, há um projeto da Secretaria de Saúde municipal que prevê a utilização de plantas fitoterápicas e medicinais no intuito de levar às famílias prevenção de doenças que contribuem com a superlotação de unidades hospitalares.

(...) a gente tá fazendo um laboratório, onde as agricultoras vão plantar plantas para substituir o omeprazol e o diasepan, e isso está socialmente ajudando muito as mulheres e para toda a comunidade é claro (RCPE14).

Nesse sentido, a dimensão social que está relacionada a estrutura e a qualidade de vida da população indica que o território onde está inserida a rota apresenta condições satisfatórias, de maneira geral, com exceção da categoria segurança pública.

4.2.2.3 Dimensão Cultural

Na dimensão cultural estão presentes as categorias: ambientes de interação social e ambientes de acesso ao conhecimento. A interação dos integrantes se dá, de maneira sucinta, especialmente em razão dos eventos promovidos pelo SEBRAE e pela Prefeitura, assim como pelas reuniões mensais, "Não, muito pouco" (RCPE14); "Ocorre mais nesses eventos (...)" (RCPE13).

Sim, eu acho que nas próprias reuniões da associação, nos eventos que elas participam na promoção da rota, nos eventos que elas realizam, cada empreendimento costuma realizar um evento, então a gente vê a interação entre eles. (...) (RCPG15).

A busca por informações e conhecimento se dá por meio dos cursos e consultorias realizadas pelo SEBRAE e pelo SENAR, através da Secretaria de

Turismo e da COMTUR do município, "nós temos apoio da secretaria de turismo, temos reuniões, temos a COMTUR (...)" (RCPE13). Assim como por meio da internet, especialmente através das redes sociais, "Todo mundo tem acesso a internet (...) whatsapp direto" (RCPE14).

Outra forma de adquirir conhecimento se dá em razão das visitas técnicas que são realizadas em outros roteiros turísticos por intermédio da Secretaria de Turismo e do SEBRAE, "Eles realizaram em alguns momentos visitas técnicas em outras rotas" (RCPG15).

No Caminho Pomerano a interação acontece quase que exclusivamente em razão das reuniões mensais obrigatórias realizadas pela Associação, esporadicamente ocorrem eventos promovidos pela Prefeitura e pelo SEBRAE. Além disso, a internet facilita o acesso ao conhecimento e a informação, mas por outro lado distancia as pessoas. Nesse sentido, a dimensão cultural não contribui de maneira satisfatória para o desenvolvimento do roteiro.

4.2.2.4 Dimensão Político-institucional

Nestas dimensão as categorias conselhos administrativos e transferência de recursos pelo Governo são analisadas. Nesse sentido, estão presentes a Comissão de Turismo (COMTUR) e a Associação do roteiro Caminho Pomerano. Para ambos é realizado pleito a cada dois anos, onde a formação da chapa se dá a partir dos componentes da Associação, "a gente faz uma chapa e faz um pleito, neste ano a maioria das pessoas que compõem a chapa são as que tem empreendimentos ou que tem uma agroindústria ou que tem um empreendimento para visitação" (RCPE11).

Quanto a categoria transferência de recursos, o pouco recurso financeiro disponibilizado pelo governo está atrelado ao subsídio das consultorias realizadas pelo SEBRAE, assim como pela realização da sinalização e manutenção das estradas do roteiro, "além da consultoria, tem o apoio de divulgação, apoio de sinalização, a prestação de informações ao turista, o apoio de infraestrutura, na manutenção das estradas, porque tem partes que é estrada de chão, entre outros" (RCPG15).

A dimensão político-institucional deveria repercutir no desenvolvimento do roteiro como facilitador das ações turísticas, entretanto, o que observa-se é

a falta de um alinhamento com a questão.

4.2.2.5 Dimensão Demográfica

Esta dimensão foi analisada a luz das categorias: tamanho da rota turística, número de pessoas envolvidas com a rota, gênero e idade. Um incremento não contribuiria porque o espaço físico da rota já é bem extenso, os empreendimentos são muito afastados e o acréscimo de territórios dificultaria mais o acesso, "não, acredito que não, porque assim o espaço físico já é bem amplo" (RCPE11); "(...) Num dia assim, a gente não consegue visitar todos os empreendimentos pela distância né, então se aumentasse dificultaria mais o acesso" (RCPE12).

No entanto, se fosse ampliado deveria ser feito a partir da união com outros roteiros turísticos situados na região sul do RS, porque devido a pouca oferta de lazer os turistas não ficam muito tempo no roteiro e o resultado financeiro esperado não é alcançado pelos empreendimentos.

Da mesma forma, é necessária a presença de pessoas que tenham interesse em empreender, porque os moradores atuais do roteiro são em grande número, mas não se interessam em conhecer e tampouco fornecer informação aos turistas a respeito do roteiro,

O número de pessoas, não iria mudar nada. A não ser que essas pessoas de alguma forma fizessem parte da rota. Fornecessem algum tipo de coisa sei lá, algum produto, ou abrissem algum empreendimento, do contrário não faria diferença porque várias pessoas moram no caminho (RCPE11).

Mais empreendimentos ajudaria, mais moradores, aleatório que nada teria que ver com o Caminho Pomerano, já temos bastante aí que não dão nem informação (...) As pessoas que moram aqui não consomem da gente e indicam muito pouco (RCPE12).

De maneira geral, os empreendimentos instalados no Caminho Pomerano são beneficiados pelo roteiro, mesmo aqueles que não participam da Associação, visto que os turistas acabam consumindo em organizações disponíveis na localidade,

(...) sim, acredito que sim, porque o pessoal passa precisa de alguma coisa, chega para comprar, até eventualmente o pessoal chega no mercadinho porque quer comprar (...) alguma coisa que não encontrou na rota ou esqueceu de comprar em algum lugar (...) (RCPE11).

Alguns estabelecimentos comerciais se beneficiam bastante, a gente tem bastante turista que vem, não só o ônibus da excursão, mas nos fins de semana, famílias que vem de carro se beneficiam, o posto de gasolina, algum que precisa de alguma coisa que esqueceu em casa, beneficia a farmácia, os hotéis em São Lourenço (...) (RCPE12).

A rota é composta em maioria por mulheres, sendo que muitos empreendimentos são formados por casais. A faixa etária varia entre adultas e idosas. "Mulheres, tem casais (...) parece que tem mais mulheres (...) idosos, de forma de geral" (RCPE11); "Mulheres, idosas, (...) Cinquentonas" (RCPE14).

Dessa forma, a partir da premissa que a dimensão demográfica influencia no desenvolvimento territorial depreende-se que o roteiro apresenta falhas de estratégia mercadológica, porque está disposta em uma extensa faixa geográfica, o que dificulta o acesso turístico. Da mesma forma, a quantidade de pessoas na localidade não interfere no desenvolvimento do roteiro haja vista a falta de interesse, talvez por motivos culturais, em usufruir do que é ofertado. Quanto ao gênero e idade, é visível que as mulheres adultas, de maneira geral, estão contribuindo para renda das famílias.

4.2.2.6 Dimensão Ambiental

Na dimensão ambiental as categorias saneamento básico e fontes naturais são analisadas. Com relação ao saneamento, a água é fornecida pela CORSAN para grande parte dos moradores do roteiro. O lixo é recolhido por meio da coleta seletiva, uma vez por semana, inclusive na área rural. Há também a conscientização na utilização do lixo orgânico para compostagem, "(...) a questão do lixo eu faço meu minhocário, biofertilizantes, tudo que sobra do lixo orgânico vai para horta, vai para as árvores frutíferas. E o que não dá para reciclar a recicladora busca e leva para cidade" (RCPE14).

Quanto ao esgoto, há uma regulamentação municipal que prevê o tratamento adequado pelos empreendimentos, inclusive é um fator que é levado em consideração devido a preocupação em bem receber o turista.

Eu vejo que sim, os empreendimentos até para eles conseguirem o alvará de liberação de funcionamento, tem uns que trabalham com alimentação então eles tem essa preocupação (...) (RCPG15).

A princípio, a coleta seletiva não se deu em função da criação da rota turística, embora tenha iniciado após a sua formação, "Acredito que não porque a rota foi implementada em 2006, o recolhimento de lixo pelo poder público começou em 2010" (RCPE12).

Com relação ao uso dos recursos naturais os respondentes percebem que ainda há pouca conscientização dos moradores da zona rural quanto ao cuidado em razão da sua sustentabilidade.

Existe muito pouco, ainda temos no interior aqui a cultura. Ah, onde é que tu vai por isso aí? Ah vou por no lixo. Ele vai ali e joga, só que a terra não é lixo, então a cultura ainda é essa jogar o lixo na beira da estrada, dentro do arroio, dentro da sanga (RCPE12).

(...) tem pessoas que não adianta tu falar que isso não tem importância, isso não faz mal (...) Aí o que acontece vai tudo para sanga lá embaixo e isso vai para os animais, então nossa comida está toda contaminada (RCPE13).

O saneamento básico e o manejo responsável das fontes naturais são categorias de análise que denotam preocupação aos participantes da pesquisa. A dimensão ambiental viabiliza a observação de aspectos inerentes ao desenvolvimento territorial a partir de ações que visem fomentar a sustentabilidade. Na figura 9 é apresentada a síntese da análise dos dados do roteiro Caminho Pomerano.

Figura 9 - Síntese do Caminho Pomerano

Construto	Dimensão	Síntese
Capital Social Organizacional	Estrutural	Estrutura e laços muito fracos, o que repercute em ausência de colaboração
	Cognitiva	Identidade coletiva baseada nas formalidades institucionais e não na rotina dos atores
	Relacional	Presença de normas e regras, entretanto ausência de confiança mútua
	Mobilizadora	Mobilização e Captação de recursos precária
Desenvolvimento Territorial	Econômica	Renda e emprego geralmente ligados a questões externas ao roteiro turístico
	Social	Educação e saúde de qualidade, entretanto aumento significativo da criminalidade
	Cultural	Ausência de ambientes de interação
	Político-institucional	Embora exista presença de uma Secretaria e uma Comissão de Turismo, isso pouco influencia no

		desenvolvimento do roteiro
	Demográfica	As mulheres adultas são as responsáveis pelo desenvolvimento do roteiro turístico rural
	Ambiental	Preocupação quanto ao desenvolvimento de aspectos ligados ao manejo consciente de fontes naturais e o descarte correto de dejetos

Fonte: a autora

4.3 Análise Cruzada dos casos

Em uma análise cruzada dos casos é possível observar que a presença de capital social organizacional contribui para o desenvolvimento territorial. Especialmente no caso do roteiro Morro de Amores. A estrutura dos laços relacionais entre diferentes atores e instituições favorece o compartilhamento de ideias e informações porque os elos são baseados em reciprocidade, confiança e coletividade, conforme aponta a teoria, ao contrário do que ocorre no Caminho Pomerano.

Embora as diferentes organizações apresentem objetivos sociais distintos, a prática aplicada ao contexto das rotas rurais de turismo, e nesse caso refere-se a Morro de Amores, o princípio da coletividade fomenta a formação de mercados locais permeados por redes de cooperação que por conseguinte contribuem para o desenvolvimento do território.

Por outro lado, observa-se no Caminho Pomerano um caminho inverso, as pessoas e instituições estão mais preocupadas em resolver suas questões individuais, o que enfraquece os laços e desestrutura a formação de redes de cooperação.

Da mesma forma, é possível inferir que no Morro de Amores a confiança de maneira generalizada facilita o desenvolvimento de laços mais fortes e sustentáveis, promovendo a qualidade e a identidade coletiva do roteiro. O que não ocorre na outra rota, as pessoas, principalmente os empreendedores, não apresentam aspectos ligados a confiança, fato que viabiliza a ausência de capital social organizacional.

Quanto as dimensões do desenvolvimento territorial, observa-se que algumas fazem sentido, pela perspectiva dos atores, mas não são essenciais

para demonstrar a ocorrência de desenvolvimento. Dentre elas, aspectos sociais ligados ao alto nível de estudo e saúde pública não denotam na prática situações que representem desenvolvimento local. No Morro de Amores, sendo considerado um município pequeno, o acesso a ambos é muito parecido ao que ocorre em termos de Brasil, mas na análise de seus moradores isso não influencia no desenvolvimento do roteiro.

Além disso, parece que o conhecimento tácito é visto como mais importante que o explícito, os atores entendem que é necessário obter conhecimento, mas levando em consideração os ambientes em que estão inseridos, o nível de educação elevado não corrobora com o desenvolvimento, haja vista que os municípios não possuem capacidade absorptiva de mão de obra especializada.

No entanto o que os diferencia em termos sociais é a questão da segurança pública, para Morro Amores a criminalidade praticamente inexistente e isso é visto como algo muito positivo para o município, algo que eleva a qualidade de vida da sociedade. Já no Caminho Pomerano, isso é um problema constante, pois a criminalidade só aumenta no decorrer dos anos.

Em termos econômicos, o desenvolvimento de ambos roteiros apresenta ineficiência, principalmente em função da baixa capacidade em captar recursos financeiros. Fato que corrobora com a baixa renda e emprego em seus territórios, ainda que os roteiros por vezes contribuam para formação de empregos informais.

Todavia o que se observa, em geral, é que as mulheres estão tomando a frente nos empreendimentos em ambos roteiros e isso é visto como positivo para renda familiar, embora muitas vezes seja realizado de maneira complementar devido principalmente a ineficiência turística. Fato é que as mulheres estão atuando concomitantemente em diversas frentes, na agricultura, nos afazeres do lar, na criação dos filhos, na geração de renda a partir dos produtos e serviços disponibilizados aos turistas.

Os ambientes de interação são melhor e mais utilizados pelos moradores do roteiro Morro de Amores, eles viabilizam a integração social e o desenvolvimento de capital social organizacional na localidade. No Caminho Pomerano os ambientes de interação são utilizados apenas para os formalismos da Associação.

Quanto aos aspectos político-institucionais, parece não fazer diferença a existência de uma Secretaria de Turismo ou uma Comissão Turística, o desenvolvimento turístico em ambientes rurais não recebem assistência de maneira eficiente.

Em termos ambientais o desenvolvimento de ambos roteiros sofre com a falta de mecanismos de regulação e fiscalização mais eficientes. Outrossim, a preocupação quanto a utilização consciente de fontes naturais e a destinação de lixo e esgotos é uma constante na rotina dos moradores.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo é apresentada a discussão dos resultados a partir dos achados deste estudo e da reflexão acerca do referencial teórico proposto.

5.1 Discussão à luz das premissas teóricas

No intuito de introduzir a discussão dos resultados será realizado o aporte quanto ao alcance das premissas teóricas, assim como a apreciação quanto aos objetivos desta pesquisa.

No Morro de Amores, a presença de capital social organizacional apresenta-se mais aparente, a estrutura dos laços relacionais está baseada, principalmente na triangulação: Associação Roteiro Turístico Morro de Amores, SEBRAE e empreendimentos. Esta estrutura fornece a base para o desenvolvimento do roteiro, que por sua vez promove uma rede de cooperação local. As pessoas procuram dar valor ao que é do município, promovem os produtos dos parceiros locais. Ao contrário do que ocorre no Caminho Pomerano, a estrutura dos laços é fraca ou inexistente e as organizações, de maneira geral, escolhem com que parceiros desejam se relacionar.

A presença de objetivos compartilhados, bem como a interação entre os participantes do roteiro Morro de Amores se dá em razão da estrutura formada pelas relações informais entre as pessoas. Elas costumam se relacionar fora do contexto da rota por meio dos laços de amizade, fato que favorece a integração e o fortalecimento do grupo. Por outro lado, as instituições que compõem o Caminho Pomerano não visam se relacionar de maneira contínua, seus encontros são formais e em momentos específicos. Entretanto, o que chama a atenção é que a Secretaria de Turismo Municipal acredita que há relacionamento constante entre os empreendimentos e com a própria Secretaria e o SEBRAE. Situação que vai de encontro com a real situação do roteiro.

Nas duas rotas turísticas analisadas houve a preocupação em criar regras e normas de conduta quando da formalização das Associações Turísticas, entretanto a base para sua constituição se diferencia entre ambas. No Morro de Amores a busca foi por determinar critérios de credibilidade aos

interessados em participar do roteiro, no intuito de qualidade do que seria ofertado aos turistas. Na outra rota as regras foram determinadas meramente por formalidade e principalmente por intermédio da Secretaria de Turismo e do SEBRAE, sem a participação ativa dos empreendedores.

No que tange a confiança mútua, nas duas rotas os entrevistados ficaram pouco a vontade para elencar o nível de confiança. Entretanto, no Caminho Pomerano a credibilidade quanto a qualidade dos produtos e serviços oferecidos aos turistas foi o ponto principal abordado pelos respondentes. No Morro de Amores a confiança parece mais generalizada, em alguns momentos levando-se em consideração aspectos de afinidade entre os participantes.

O que se observa é que os laços relacionais estruturados, com base na confiança, e os objetivos compartilhados repercutem no desenvolvimento pois facilitam a criação e a manutenção de redes cooperação em razão de proporcionar o alcance aos resultados conjuntos.

A mobilização e o compartilhamento de recursos é organizada e alinhada com os objetivos comuns no Morro de Amores, as pessoas estão preocupadas com o desenvolvimento coletivo do roteiro. Infelizmente, o oposto ocorre no Caminho Pomerano, por se tratar de um roteiro mais antigo a ideia é de que essas categorias da dimensão mobilizadora fossem mais elaboradas e eficientes e conseqüentemente corroborassem com a presença de capital social organizacional, fato que não ocorre.

Em contrapartida, observa-se ainda que as duas rotas ainda são deficitárias em termos econômicos, questão que se dá principalmente em razão da falta de atores habilitados na captação de recursos financeiros e por conseguinte isso influencia na sustentabilidade das organizações e do roteiro.

Em termos desenvolvimento econômico, o roteiro Morro de Amores apresenta indícios de contribuição para renda das famílias do município. Embora seja uma rota recente (2015), já é possível observar que a sua existência favorece o desenvolvimento do mercado local, assim como gera emprego e renda. Interessante ressaltar que isso está atraindo o interesse por investidores externos, ao contrário do ocorre no Caminho Pomerano.

Quanto ao aspecto do desenvolvimento no âmbito da dimensão social, embora Morro de Amores esteja situado em um município que não apresenta um sistema de saúde eficiente e acesso a educação superior os participantes

da pesquisa não parecem estar preocupados com isso, não é algo que pareça inferir no desenvolvimento do território. Inclusive isso fica evidente na fala do entrevistado 7, quando expõe que o conhecimento tácito é mais importante que o conhecimento explícito. Por outro lado, a questão segurança pública é considerada excelente e faz toda diferença para os moradores do município, as pessoas se conhecem e isso repercute no bem estar geral da população.

No caso do roteiro Caminho Pomerano, apresenta boa estrutura de saúde pública, bem como acesso ao ensino de educação superior, entretanto há algumas ressalvas quanto a este último. Quem deseja continuar estudando e buscando uma graduação não permanece no município, procura cidades maiores para exercer a profissão. O que prejudica o município, devido a evasão de mão de obra qualificada, todavia outro fato preocupante é que o município de São Lourenço do Sul não possui capacidade absorviva para manter os profissionais no território. E ao contrário da realidade de Morro Redondo, a segurança pública é preocupante, porque houve o aumento da violência, inclusive no interior do município, talvez em função da falta de oportunidades de trabalho.

De maneira geral as mulheres estão contribuindo para o empreendedorismo nas duas localidades. Elas estão tomando a frente dos negócios familiares, buscando se capacitar e inovar frente ao mercado consumidor.

Quanto a dimensão político-institucional, aparentemente, a existência de uma Secretaria de Turismo não é aspecto facilitador de desenvolvimento do território, principalmente quando não alinhada aos objetivos compartilhados pela sociedade. O que chama atenção é que os respondentes, em sua maioria, não desejam que haja a participação do ente político junto às tomadas de decisão por entenderem que isso atrapalha o senso de unidade.

A questão ambiental é algo que interfere no desenvolvimento dos territórios, principalmente em municípios que dependem da agricultura e não apresentam estrutura consolidada de coleta de lixos e processamento de esgotos. Fato é que, infelizmente, são precárias as alternativas inerentes a destinação de esgotos, assim como ainda falta conscientização da população quanto ao assunto.

A discussão das dimensões elucidadas acerca da teoria do capital social organizacional e do desenvolvimento territorial proporcionou compreender como o capital social organizacional contribui para o desenvolvimento das rotas turísticas Morro de Amores e Caminho Pomerano e dos territórios onde estão inseridas.

Dessa forma, observa-se que a presença de capital social organizacional, especialmente na Rota Turística Morro de Amores, contribui para o seu desenvolvimento e do território onde está inserida. Com base na estrutura dos laços relacionais e na interação entre diferentes atores e instituições é possível depreender que o compartilhamento de objetivos, favorece a formação de redes de cooperação e conseqüentemente o desenvolvimento territorial.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste subcapítulo serão apresentadas as contribuições teóricas e gerenciais, sobretudo quanto ao casos analisados acerca do capital social organizacional contribuir para o desenvolvimento territorial.

6.1 Contribuições teóricas

O objetivo desta dissertação é compreender como o capital social organizacional contribui para o desenvolvimento das rotas turísticas Morro de Amores e Caminho Pomerano, assim como dos territórios onde estão inseridas.

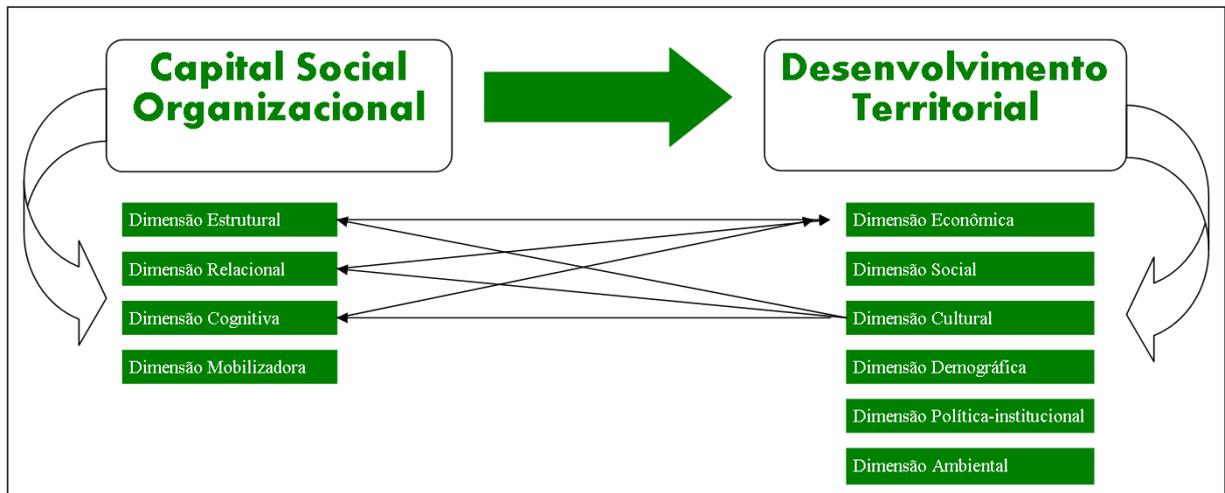
Os resultados corroboram com estudos anteriores acerca da relação entre capital social e desenvolvimento territorial, especialmente em áreas rurais (SERRA; POLI, 2015), isto porque a interação social, a cooperação, a confiança mútua e a identidade coletiva, categorias inerentes ao capital social organizacional, refletem na constituição de uma rede de cooperação mais eficiente (WOOLCOCK, 1998; ESCOBAL et al., 2015; BALEN et al., 2016) viabilizando a formação de mercados locais (FICHER, 2002; ABRAMOVAY, 2006; BALEN et al., 2016). Fato que repercute de maneira positiva na renda e emprego local, o que por sua vez contribui para o desenvolvimento de rotas turísticas e dos territórios onde estão consolidadas.

Embora seja necessário observar a multidimensionalidade no construto de desenvolvimento territorial, a dimensão econômica e a dimensão cultural, a partir dos dados analisados, parecem estar relacionadas ao capital social organizacional instituídos nos territórios. As pessoas buscam interagir e cooperar com o meio em que estão inseridas devido principalmente ao entendimento de que quanto mais colaborativo for o meio em que vivem melhores são as condições de desenvolvimento para coletividade.

Com a análise cruzada dos casos pode-se observar que o *framework* de pesquisa sofreu alterações, a dimensão cultural do desenvolvimento territorial influencia no capital social organizacional, principalmente em função das dimensões: estrutural, cognitiva e relacional. Assim como a dimensão econômica do desenvolvimento territorial é influenciada pelas dimensões

estrutural, cognitiva e relacional porque viabilizam a formação de redes de cooperação contribuindo para a constituição de mercados locais e conseqüentemente com a renda e emprego. Nesse sentido na figura 10 é possível observar o *framework* reestruturado.

Figura 10 - Framework após a análise cruzada dos casos



. Fonte: a autora

6.2 Contribuições Gerenciais

Este estudo pretende colaborar por meio do empirismo com a prática gerencial no que tange aos resultados obtidos em termos de desenvolvimento territorial atrelado ao capital social organizacional.

As contribuições empíricas demonstram que o processo de desenvolvimento nas rotas turísticas se dá de acordo com a presença de capital social organizacional, porque o formato e a qualidade com que se dão as relações entre organizações e conseqüentemente entre os indivíduos é o que promove o desenvolvimento dos territórios.

E mais, as relações devem estar baseadas em elos de confiança e reciprocidade o que reverbera na identidade coletiva. Porque em ambientes onde a credibilidade está abalada, dificilmente o capital social organizacional é mantido, o que viabiliza a desarticulação e a desmotivação generalizada.

Com este enfoque, este estudo pretende contribuir para a avaliação crítica quanto aos mecanismos presentes em ambientes que demandam cooperação entre os distintos setores da sociedade. É preciso reforçar as

políticas e planos governamentais acerca de uma Política Nacional de Turismo mais eficiente, sobretudo em ambientes rurais. Além disso, promover a agricultura familiar e o desenvolvimento sustentável empoderado de recursos digitais e tecnológicos no intuito de tornar esse ambiente mais convidativo aos jovens.

Neste íterim, este estudo visa promover a reflexão quanto as possibilidades que um roteiro turístico rural pode gerar em razão do desenvolvimento de um território, à luz de uma discussão acadêmica, empresarial e especialmente acerca de políticas públicas com essa conotação.

6.3 Limitações e Sugestões para estudos futuros

Este estudo apresenta limitação relacionada ao método utilizado, especialmente no alcance do objetivo específico analisar de forma qualitativa o desenvolvimento dos territórios em que as rotas turísticas estão inseridas. Entende-se que devido ao número pequeno de respondentes à pesquisa não foi possível demonstrar satisfatoriamente de maneira qualitativa o desenvolvimento ou não dos territórios.

Para estudos futuros é sugerido que seja realizada pesquisa quantitativa-qualitativa, em análise transversal/longitudinal, a fim de que ocorra a mensuração, análise e compreensão aprofundada das dimensões demográfica e político-institucional, posto que não foi possível analisar se estas, em uma pesquisa isoladamente qualitativa, interferem no desenvolvimento territorial.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, R. **Para uma teoria dos estudos territoriais.** In: MANZANAL, M.; NEIMAN, G.; LATTUADA, M. Desarrollo rural – Organizaciones, instituciones y territorios, EdicionesCiccus, Buenos Aires, p. 51-70, 2006.

ADO, A.; SU, Z.; WANJIRU, R. **Learning and knowledge transfer in África-China JVs: Interplay between informalities, culture, and social capital.** Journal of International Management, v. 23(2), p.166-179, 2017.

AGOSTINI, M. R.; VIEIRA, L. M.; TONDOLO, R.R.P; TONDOLO, V. A. G..**Uma Visão Geral Sobre a Pesquisa em Inovação Social: Guia Para Estudos Futuros.** BBR, DOI: <http://dx.doi.org/10.15728/bbr.2017.14.4.2>, 2017.

ALBUQUERQUE, G. C. A. de; CÂNDIDO, G. A. **Experiências de Formação de Capital Social.** REUNIR – Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade – v. 1, n. 1, p.83-100, Mai-Ago/2011.

ANDREW, C.; KLEIN, J-L. **Social Innovation: What is it and why is it important to understand it better.** Centre de rechersur les innovations sociales - CRISES, 2010.

ANDREWS, R. **Organizational social capital, structure and performance.** Human Relations, v. 63(5), p. 583–608, 2010.

ANDREWS, R. **Organizational size and social capital and public sector: Does decentralization matter?.**Review of Public Personnel Administration, v. 37(1), p.40-58, 2017.

ARREGLE, J. L., HITT, M. A., SIRMON, D. G., Very, P. **The development of organizational social capital: Attributes of family firms.** Journal of Management Studies, v. 44, p. 73-95, 2007.

BALEM, T. A.; SILVA, G. P.; FROEHLICH, J. M..**Limites e possibilidades da política de desenvolvimento territorial: uma análise a partir do território central da cidadania do RS.**Redes, v.21(2), p.198-221, 2016.

BANDEIRA, P. S. **Algumas hipóteses sobre as causas das diferenças regionais quanto ao capital social no Rio Grande do Sul.** In: CORRÊA, M. S

(org). *Capital Social e Desenvolvimento Regional*. Edunisc, Santa Cruz do Sul, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70, São Paulo, 2011.

BARON, S; FIELD, J; SCHULLER, T. **Social capital: critical perspectives**. Oxford University Press, 2000.

BASU, E.; PRADHAN, R. K.; TEWARI, H. R.. **Impact of organizational citizenhip behavior on job performance in Indian healthcare industries**. *Journal of Productivity and Performance Management*, v.66(6), p.780-796, 2017.

BEDUCHI FILHO, L. C.; ABRAMOVAY, R. **Desafios para o desenvolvimento das regiões rurais**, 2004. Disponível em: http://www.abramovay.pro.br/artigos_cientificos/2004/Beduschi_Abramovay.pdf Acesso em 10/2017.

BEGNINI, R. S. B. **O turismo rural como estratégia de desenvolvimento local no município de Rio Preto da EVA**. Dissertação em Desenvolvimento Regional, UFAM, 2010. Disponível em <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2510>.

BENENSON, J. **Civic Engagement and Economic Opportunity Among Low-Income Individuals**. *Voluntas*, v. 28(3), p.988-1014, 2017.

BERDEGUE, J. A.; OSPINA, P.; FAVARETO, F. A.; CHIRIBOGA, M.; ESCOBAL, J.; FERNANDEZ, I.; GÓMEZ, I.; MODREGO, F.; RAMIREZ, E.;

BAVNBORG, H. M.; SCHEJTMAN, A.; TRIVELLI, C. **Determinantes de las Dinámicas de Desarrollo Territorial Rural en América Latina**. Programa Dinámicas Territoriales Rurales, 2012.

BONILLA, J. A. **Qualidade total na agricultura: fundamentos e aplicações**. Belo Horizonte: Centro de Estudos de Qualidade Total na Agricultura, 1994.

BOURDIEU, P. **Le capital social, notes provisoires**. *Actes de la recherche en sciences sociales*. n. 31, 1980.

BRASIL, **Instituto de Pesquisas Aplicadas - IPEA**. Disponível em <http://www.ipea.gov.br>. Acessado em 15/10/2017.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010). **Censo Brasileiro 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acessado em: 23/10/2017

BRASIL/MDA. **Referências para o desenvolvimento territorial sustentável**. CNDRS/ CONDRAF/NEAD. Texto para discussão nº4, Brasília, 2003.

BRASS, D. J., et al. **Taking Stock of Networks and Organizations: A Multilevel Perspective**. *Academy of Management Journal*, v. 47, n. 6, p. 795–817, 2004.

BRITO, C. C. **Conceito de Território Rural e Políticas Públicas e sua Evolução Histórica nos Governos FHC e Lula**. *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, v. 22, n. 72, p. 173-192. 2017.

BRUNIE, A. **Meaningful distinctions within a concept: relational, collective, and generalized social capital**. *Social Science Research*, v. 38(2), p. 251-265. 2009.

BRYDEN, J.; HART, k. **Dynamics of Rural Areas (DORA) – The International Comparison – An EU Project involving Germany, Greece, Scotland and Sweden** – The Arkleton Trust – Aberdeen University, 2001.

CAMINHO POMERANO. **Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul**. Disponível em <http://www.turismo.rs.gov.br/roteiro/114/caminho-pomerano>. Acesso em 07/11/18.

CANDIOTTO, L. Z. P. **O discurso da viabilidade do turismo rural na agricultura familiar: o programa nacional de turismo rural na agricultura familiar (PNTRAF) e o papel do Estado do Paraná no contexto**. *CULTURA*. ano 7, nº 02, junho, 2013.

COHEN, J. S. **Social Capital in the Creation of Human Capital**. Supplement: Organizations and Institutions: Sociological and Economic Approaches to the Analysis of Social Structure (1988), *American Journal of Sociology*, v. 94, p. 95-120, 1988.

COELHO NETO, A. S. **Da região ao território: pensando a territorialidade no semi-árido baiano.** In: Anais... VIII ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, Curitiba: ANPEGE/UFPR, 2009.

COLEMAN, J. **Social capital in the creation of human capital.** American Journal of Sociology, v. 94, p. 95-120, 1988.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação.** Tradução Lúcia Simonini. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CONTERATO, M. A.; FILLIPI, E.E. **Teorias do Desenvolvimento.** UFRGS, 2009.

COTRIN, S. D. **Organização Social e Associativismo Rural.** In: GEHLEN, I.; MOCELIN, D. G. Organização Social e Movimentos Sociais Rurais. UFRGS, 2009.

COREDE Sul. **Plano Estratégico de Desenvolvimento da Região Sul 2015-2030.** Disponível em: <http://www.coredesul.org.br/Pagina/6/Conheca-o-Plano-Estrategioco-do-COREDE-SUL>. Acessado em: 15/10/18.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica Dirceu da Silva, 3ª ed., Artmed, Porto Alegre, 2010.

CROPPER, S. PALMER, I. **Mudança, dinâmicas e temporalidade nos relacionamentos interorganizacionais.**In: CROPPER, S.; EBERS, M.; HUXHAM, C.; SMITH RING, P. Handbook de Relações Interorganizacionais, cap. 24, Oxford, 2014.

CRUZ, J. A. W.; Stadler, H.; MARTINS, T. S.; ROCHA, D.T. **Avaliação de desempenho no terceiro setor: uma abordagem teórica de strategic accounts.** REBRAE. Revista Brasileira de Estratégia, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 11-26, jan./abr. 2009.

CUI, V.; ILAN, V.; ROBINSON, S.; BRANZEI, O. **Trust in the Workplace: The role of social interaction diversity in the community and in the workplace.** Business & Society. Vol.57(2), p.378-412, 2018.

CUNHA, L.A.G. **Confiança, capital social e desenvolvimento territorial**. Ed. UFPR. Curitiba, n. 4, p. 49-60. 2000.

DAVIS, J. P. **The Group Dynamics of Interorganizational Relationships: Collaborating with Multiple Partners in Innovation Ecosystems**. *Administrative Science Quarterly*, v. 61(4), p. 621–661, 2016.

EMATER. Disponível em <http://www.EMATER.tche.br/site/area-tecnica/agregacao-de-valor/turismo-rural.php#.W-cHsHtKjIU>. Acesso em 07/11/18.

EMBRAPA. **Organização de Produtores e Desenvolvimento Rural**. Documentos 75, 2002.

ESCOBAL, J.; AGUIRRE, F.; FAVARETO, A.; PONCE, C. **Linkage to dynamic markets and rural territorial development in latinamérica**. *Revista Elsevier, World Developemnt*, v. 73, p. 44-55,2015.

FACEBOOK. **Roteiro Caminho Pomerano**. Disponível em <https://www.facebook.com/RoteiroCaminhoPomerano>. Acesso em 07/11/18.

FACEBOOK. **Roteiro Morro de Amores**. Disponível em <https://www.facebook.com/morrodeamores>. Acesso em 07/11/18.

FAVARETO, A. **A abordagem territorial do desenvolvimento rural-mudança institucional ou "inovação por adição"?**. *Estudos Avançados USP*, vol.24, n.68, São Paulo, 2010.

FEE. **Carta de conjuntura: Economia, perspectivas, Rio Grande do Sul**. Ano 27 nº 01. RS, 2018. Disponível em <http://carta.fee.tche.br/?issue=ano-27-numero-01%2F>. Acessado em: 16/10/18.

ALVES FILHO, B. F. **A Influência do Capital Social Organizacional em atividades da Gestão do Conhecimento**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Administração. UFPE, 2006.

FISCHER, T. **Poderes Locais, Desenvolvimento e Gestão: introdução a uma agenda**. In: FISCHER, T (org.). **Gestão do Desenvolvimento e Poderes Locais: marcos teóricos e avaliação**, p. 12-32. Salvador: Casa da Qualidade, 2002.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. Artmed, 3ª ed., Porto Alegre, 2009.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. **Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas**. Cad. Saúde Pública, v. 24, n. 1, p. 17-27, Rio de Janeiro, jan, 2008.

FOX, J. **How does civil society thicken? The political construction of social capital in rural**. World development, v. 24, n. 6, p. 1089-1103, México, 1996.

GEDDES, M. **Relacionamentos interorganizacionais no desenvolvimento de parcerias locais e regionais**. In: CROPPER, S.; EBERS, M.; HUXHAM, C.; SMITH RING, P. Handbook de Relações Interorganizacionais, cap. 8, Oxford, 2014.

GILLY, J.P. ; PECQUEUR, B. **La dimension locale de la régulation**. In: BOYER, R. ; SAILLARD, Y. (eds). Théorie de la régulation: l'état des savoirs. Repères: La Découverte, 1995.

GRANOVETTER, M. S. **The strenght of weak ties**. The American Journal of Sociology, v.78, n.6, p. 1360-1380, 1973.

GRANOVETTER, M. S. **Economic action and social structure: the problem of embeddedness**. American Journal of Sociology, v. 91, n. 3, p. 481-51, 1985.

GROOTAERT, C.; NARAYAN, D.; JONES, V. N.; WOOLCOCK, M. **Questionário Integrado para Medir Capital Social (QI-MCS) (Integrated Questionnaire for the Measurement of Social Capital) (SC-IQ)**. Banco Mundial - Grupo Temático sobre Capital Social, 23 de junho de 2003.

HALPERN, D. **Social Capital**. Cambridge: Polity Press, 2005.

HAN, J; BRASS, D. J. **Human capital diversity in the creation of social capital for team creativity**. Journal of Organizational Behavior, J. Organiz. Behav. 35, 54–71 (2014).

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 05/11/18.

ILIOPOULOS, C.; VALENTINOV, V. **Toward an economics of the rural third sector.** International Journal of Agricultural Resources, Governance and Ecology, V. 8, p. 439-56, 2009.

INKPEN, A.; TSANG, E. W. K. **Reflections on the 2015 decade award-social capital networks, and knowledge transfer: an emergent stream of research.** Academy of Management Review, v. 41, n. 4, p. 573–588, 2016.

Instituto Técnico de Pesquisa e Assessoria da Universidade Católica de Pelotas. **Banco de dados Zona Sul**, 2016. Disponível em: <http://www.bancodedadoszonasul.com.br/>. Acessado em: 15/10/18.

JEZIORNY, D. L. **Territorio, innovación y desarrollo rural. El caso del territorio brasileño del Vale dos Vinhedos.** Revista Internacional de Sociologia.v. 74 (3): e041, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.3989/ris.2016.74.3.041>.

KWON, S. W.; ADLER, P. S. **Social capital: Maturation of a field of research.** Academy of Management Review, v. 39, p.412–422, 2014.

LARENTIS, F.; ANTONELLO, C. S.; SLONGO, L. A. **Organizational culture and relationship marketing: an interorganizational perspective.** Revista Brasileira de Gestão de Negócios, v. 20, n. 1, p. 37-56, 2018.

MACHADO, A. M. B.; CASALINHO, H. D. **Crítica à pluriatividade e suas relações com o campesinato e a reforma agrária.** NERA, ano 13, nº. 17, Jul/Dez, 2010.

MANDELL, P.; KEAST, R. **Parcerias no setor voluntário e comunitário: as atuais relações interorganizacionais e os desafios futuros.** In: CROPPER, S.; EBERS, M.; HUXHAM, C.; SMITH RING, P. Handbook de Relações Interorganizacionais, cap. 7, 2014.

MACKE, J.; SARATE, J. A. R. **Desenvolvimento Territorial e Capital Social: Elementos, Conexões e Proposta de Avaliação de Territórios.** Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional (G&DR), v. 11, n. 3, p. 56-79, Taubaté, SP, set-dez/2015.

MARTINS, D. M.; FARIA, A. C.; PREARO, L. C.; ARRUDA, A. G. S. **The level of influence of trust, commitment, cooperation, and power in the interorganizational relationships of Brazilian credit cooperatives.** Revista de Administração, v.52(1), p.47-58, 2017.

MILANI, C. **Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil).** 2003 Disponível em <http://www.lasociedadcivil.org/docs/ciberteca/carlosmilanip.pdf> . Acesso 30/10/17.

Ministério da Agricultura. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/agricultura-familiar-do-brasil-%C3%A9-8%C2%AA-maior-produtora-de-alimentos-do-mundo>. Acessado em 16/10/18.

Ministério do Turismo. Caminhos do Brasil Rural: agricultura familiar, turismo e produtos associados. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downlo%20ads_publicacoes/Segmentaxo_Caminhos_do_Brasil_Rural_2008.pdf. Acessado em 15/10/18.

MONASTÉRIO, L. M. **CAPITAL SOCIAL E A REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL.** Tese de Doutorado. UFPR, 2002.

MORRO DE AMORES. **Roteiro Turístico Morro de Amores.** Disponível em <http://roteiromorrodeamores.atwebpages.com/>. Acesso em 07/11/18.

MULS, L. M. **Desenvolvimento local, espaço e território: o conceito de capital social e a importância da formação de redes entre organismos e instituições locais.** Revista Economia, v.9, n. 1, p. 1-21, 2008.

NAHAPIET, J. **O papel do Capital Social em Relacionamentos interorganizacionais.** In: CROPPER, S.; EBERS, M.; HUXHAM, C.; SMITH RING, P. Handbook Relações Interorganizacionais, cap. 22, Oxford, 2014.

NAHAPIET, J. GHOSHAL, S. **Social Capital, Intellectual Capital and the Organizational Advantage.** Academy of Management Review, v. 23, n. 2, p. 242-266, 1998.

NITZSCHE, A.; KUNTZ, L.; MIEDANER, F. **Staff working in hospital units with greater social capital experience less work-home conflict: Secondary analysis of a cross-sectional study.** International Journal of Nursing Studies. Vol.75, p. 139-146, 2017.

NORTH, D. C. **Institutions, institutional change and economic performance**. Cambridge University Press, 1990.

NORTH, D. C. **Understanding the process of economic change**. Princeton: Princeton University Press, 2005.

ONU. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - Agenda 2030**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acessado em: 15/10/18.

PACE, E. S. U. **Metodologias de Avaliação de Desempenho com a Criação de Valor como Contribuição ao Planejamento das Organizações Sem Fins Lucrativos**. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 2009.

PACE, E. S. U.; OLIVEIRA, A. M.; ALKMIN, W. F. **A criação de valor na gestão da mão de obra voluntária no terceiro setor**. Revista de Adm. UNIMEP, v. 10, n. 3, Set/Dez, 2012.

PARSONS, T. **The social system**. 2ª ed. London. Routledge, 1991.

PECQUEUR, B. **Qualité et développement territorial: l'hypothèse du panier de biens et de services territorialisés**. Économies rurales, n.261, p. 37-49, 2001.

PECQUEUR, B. **A guinada territorial da economia global**. Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política, v. 8, n.4, p. 79-105, 2009.

PEDREIRA, G. P.; CONCEIÇÃO, B.; FIDALGO, C.; CRISTINA, E. **Comparative study on the potential of agritourism in two Brazilian municipalities** *Investigaciones Geográficas (Esp)*. Instituto Interuniversitario de Geografía, nº. 68, julio-diciembre, p. 133-149, Alicante, España, 2017.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação comunitária e gestão participativa**. In: KUNSCH, M. M.; KROHLING; KUNSCH, W. L. *Relações Públicas Comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora*. Summus, 2007.

PISANO, V; FERRARI, E. R; DASONE, V. **The orchestration of business models for territorial development.** *Measuring Business Excellence*, v. 20, n: 4, p.72-83, 2016.

PORTES, A. **The Two Meanings of Social Capital.** *SociologicalForum*. Duke University, v. 15, n. 1, 2000.

PROVAN, K. G.; SYDOW, J. **Avaliação dos Relacionamentos Interorganizacionais.**In: CROPPER, S.; EBERS, M.; HUXHAM, C.; SMITH RING, P. *Handbook de Relações Interorganizacionais*. cap. 26, Oxford, 2014.

PROVAN, K. G., FISH, A., & SYDOW, J. **Interorganizational networks at network at the level: a review of empirical literature on whole networks.** *Journal of Management*, v.33(3), p.479-516, 2007.

PUTNAM, R. D. **Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy.** Princeton University Press, 1993.

RIVA, G.; BERTOLINI, G.R.F. **Perspectiva do Turismo Rural como Alternativa de Renda para Agricultura Familiar.** Editora Unijuí, ano 15, n. 38, jan./mar. p. 197-227, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2017.38.197-227>.

TONINI, H. **Vinhos, Turismo e Pluriatividade na Agricultura.** Rosa dos Ventos, v. 5(2), p. 218-227, abr-jun, 2013.

RODRIGUES, W. **Capital Social e Desenvolvimento Regional no Brasil.** *G&DR* v. 14, n. 1, p. 43-60, Brasil, 2018.

SACCO, F.; CRIADO, E. A.; CALDAS, N. V. **Indicações geográficas e desenvolvimento territorial: um diálogo entre a realidade europeia e brasileira.** *Dados*. *Revista de Ciências Sociais*, v. 56, n.1, Rio de Janeiro, 2013.

SALAMON, L. M. **Putting the Civil Society Sector on the Economic Map of the World.** *Annals of Public and Cooperative Economics*, v. 81, n. 2, p. 167-210, 2010.

SANTOS, E. R.; BITARELLO, J.; PEDDE, V.; MONTARDO, S. **Contrastes Regionais que fazem Diferença no Rio Grande do Sul: Capital Social e Desempenho Institucional**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 6, p. 157-187, 2010.

SÃO LOURENÇO DO SUL .**Prefeitura**. 2011. Disponível em: <http://www.saolourencodosul.rs.gov.br>. Acesso em: maio 2011.

SERRA, T.; POLI, E. **Shadow prices of social capital in rural India, a nonparametric approach**. European Journal of Operational Research, v. 240, p. 892 - 903, 2015.

SHVETSOV, A. N. **Growth points or black holes: How efficient are state stimulation tools for territorial development?** Regional Research of Russia, v.7(2), p.108-119, 2017.

SON, J. **Organizational Social Capital and Generalized Trust in Korea**. American Behavioral Scientist, v. 59(8), p. 1007–1023, 2015.

SPERRY, S.; MERCOIRET, M. R.; FERRARIS, F. **A organização dos pequenos agricultores de Silvínia, GO: origem, estrutura e impactos sociais**. Planaltina. In: EMBRAPA - CPAC. Documentos, 68. 1997.

STEVENSON, W. B.; RADIN, R. F. **Social Capital and Social Influence on the Board of Directors**. Journal of Management Studies 46:1 January 2009.

STEWART, T. A. **Intellectual capital: the wealth of organizations**. Currency Doubleday, New York, 1997.

STRÖMGREN, M.; ERIKSSON, A.; AHLSTROM, L.; BERGMAN, D. K.; DELLEVE, L. **Leadership quality: a factor important for social capital in healthcare organizations**. Journal of Health Organization and Management, v.31(2), p.175-191, 2017.

SUBRAMONY, M.; SEGERS, J.; CHADWICK, C; SHYAMSUNDER, A. **Leadership development practice bundles and organizational performance: The mediating role of human capital and social capital**. Journal of Business Research, v.83, p.120-129. February, 2018. Ahead of Print.

TAYLOR, E. C.; MCLARTY, B. D.; HENDERSON, D. A. **The faire under the gridiron: Resource dependence and NCAA conference realignment.** Journal of Business Research, v.82, p.246-259, 2018.

TIZIO, H. **Novas modalidades do laço social.** Revista Eletrônica do Núcleo Sephora, v.2, n. 4, 2007.

TODEVA, E. **Business networks: Strategy and structure.** Estados Unidos. Routledge, 2006.

TONDOLO, R. R. P.; BITENCOURT, C. C. **Mensuração do Capital Social em Projetos Desenvolvidos no Terceiro Setor: uma proposta a partir do projeto Transparência e Prestação de Contas em OSCs no Rio Grande do Sul.** In: ENCONTRO DA ANPAD - EnANPAD, XXXVI. Rio de Janeiro. Anais Anpad, 2012.

TONDOLO, R. R. P. **Desenvolvimento de capital social organizacional em um projeto interorganizacional no terceiro setor.** Tese de Doutorado. São Leopoldo, UNISINOS, PPG Administração, 2014.

Tondolo, R. R. P.; Bitencourt, C. C.; Vaccaro, G. L. R. **Capital Social Organizacional em um Projeto Interorganizacional: um Estudo Desenvolvido no Terceiro Setor.** Rev. Adm. UFSM, v. 10. n. 1, p. 08-23, Santa Maria, JAN. - MAR. 2017.

TSAI, W. GHOSHAL, S. **Social Capital and Value Creation: The Role of Intrafirm Networks.** Academy of Management Journal, v. 41, n. 4, p. 464-476, 1998.

WAQUIL, P. D. ; SCHNEIDER, S. ; FILIPPI, E. E. ; CONTERATO, M. A. ; SPECHT, S. **Para medir o desenvolvimento territorial rural: validação de uma proposta metodológica .** In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER). Universidade Estadual de Londrina , 2007.

WEVER, S; MARTENS, R.; VANDENBEMPT, K. T. The impact of trust on strategic resources acquisition through interorganizational networks: towards a conceptual model. Human Relations, Thousand Oaks, v. 58, n. 12, p. 1523-1543, dez, 2005.)

WOOLCOCK, M. **Social Capital and Economic Development: Towards a Theoretical Synthesis and Policy Framework.** Teoria e Sociedade. Vol. 27(2), p. 151-208, 1998.

VALENTINOV, V. **Understanding the rural third sector: insights from Veblen and Bogdanov.** Kybernetes, vol. 41 Issue: 1/2, p.177-188, 2012.

VALENTINOV, V.; VACEKOVÁ, G. **Sustainability of Rural Nonprofit Organizations: Czech Republic and Beyond.** Sustainability, v. 7, p. 9890-9906, 2015.

VEIGA, J. E. **Cidades Imaginárias: O Brasil é menos urbano do que se calcula.** Editora Autores Associados, Campinas, 2002.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Bookman, 4ª ed. Porto Alegre, 2010.

YOGEL, G., NOVICK, M. e MARIN, A. **Tramas produtivas, processos de inovação e tecnologia de gestão social: uma aproximação metodológica aplicada ao complexo automotor argentino.** In: CASTREO, N. e MARTIN, S. (orgs.) Competitividade e Desenvolvimento: atores e instituições locais. p. 33-61. São Paulo: Senac, 2001.

ZAHRA, S. A. **Haversting Family Firm's Organizational Social Capital: A Relational Perspective.** Journal of Management Studies, v. 47, n. 2, p. 345-366, 2010.

ZHENG, J.; WU, G.; XIE, H. **Impacts of Leadership on Project-Based Organizational Innovation Performance: The Mediator of Knowledge Sharing and Moderator of Social Capital.** Sustainability, v. 9, 2017.

ZHONG, W.; SU, C.; PENG, J.; YANG, Z. **Trust in Interorganizational Relationships: A Meta-Analytic Integration.** Journal of Management, v. 43, n. 4, p. 1050–1075, 2017.

APÊNDICE

1. Roteiro de entrevista

A presente pesquisa tem por objetivo compreender como o capital social organizacional contribui para o desenvolvimento das rotas turísticas Morro de Amores e Caminho Pomerano. _____

Com relação aos dados pessoais do respondente estes serão mantidos em sigilo.

1.1 Informações gerais da Organização e de seu respondente:

Nome da Organização: _____

Área de Atuação: _____

Município: _____

Nome do Respondente: _____

Função do Respondente: _____

I) Bloco de questões relacionadas às entrevistas da pesquisa:

CSE1) Poderia me falar um pouco a respeito de como a rota está organizada? Quais são as organizações que a compõem e quais são seus papéis junto a rota (organizações participantes, prefeitura, SEBRAE, EMBRAPA,...)?

CSE2) Na sua opinião como a criação da rota turística contribui para a formação de uma rede de organizações no local?

CSC3) Na sua opinião, as organizações atuantes na rota apresentam objetivos compartilhados? Poderia exemplificar como isso acontece?

CSC4) Como e quando as organizações da Rota costumam interagir?

CSR5) Quando a rota turística foi instituída, junto com ela houve a preocupação entre as organizações em criar normas ou regras de conduta? Se foram criadas, quem criou as regras naquela oportunidade? E hoje como ocorre, quem cria as regras e normas de conduta atualmente?

CSR6) Em geral, como você avalia a confiança estabelecida entre os membros integrantes da

rota turística? Considere como membros todos aqueles que colaboram para que a rota turística aconteça.

Questão adicional:

6.1) Em uma escala de 1 a 10, sendo 1 o menor nível e 10 o maior, cite 3 organizações em que você mais confia. E 3 organizações que você menos confia.

CSM7) De que forma a sua organização costuma mobilizar recursos em prol da rota turística (físicos, financeiros e humanos)?. Exemplifique

CSM8) As organizações que compõem a rota turística tem por hábito compartilhar recursos (informações, objetos, conhecimento,...)? Poderia dar exemplos do que costuma ser compartilhado e quando isso ocorre?

Questão adicional:

8.1) De que forma a sua organização costuma mobilizar os recursos organizacionais (físicos, financeiros e humanos)?

DTE9) Em algum momento houve a entrada de organizações externas ao território onde a rota está inserida, isso contribuiu para a renda das famílias? Poderia explicar melhor de que forma isso se deu ou dá?

DTE10) No geral, como é o formato de mão de obra nos empreendimentos do território? E na rota? (familiar/ contratada) Poderia falar mais a respeito?

DTS11) Como é nível de ensino na sua comunidade? Isso é visto como algo importante? Por que?

DTS12) Em termos de segurança pública, como isso é desenvolvido na sua comunidade? Existe algum tipo de posto policial na sua localidade?

Questão adicional

12.1 Após a criação da rota turística, houve algum tipo de alteração em aspectos ligados à segurança pública?

DTS13) Em termos de saúde, poderia falar um pouco a respeito de como são as condições na sua comunidade.

Questão adicional

13.1 Isso, de alguma forma, mudou com a existência da rota?

DTC14) As pessoas que moram na rota turística costumam interagir socialmente entre si? Quando e onde ocorrem essas interações? Tem motivo especial?

DTC15) Com relação ao acesso a informações/conhecimento, como os moradores da rota turística buscam se atualizar?

DTPI16) Na rota turística, existem pessoas escolhidas pelos moradores que respondem pelas demais? Como isso acontece? Quem são essas pessoas? São escolhidas com base no que?

DTPI17) Existe algum apoio governamental para a manutenção da Rota? De que forma isso ocorre?

DTD18) Você acredita que se o espaço físico que compõe o território aumentasse, isso contribuiria de alguma forma no desenvolvimento da rota? Porquê?

DTD19) Você acredita que se mais pessoas fossem morar na rota, isso mudaria de alguma forma o desenvolvimento da rota? Porquê?

DTD20) Todas as pessoas que moram na rota turística participam ou se beneficiam dela de forma efetiva?

DTD21) Na sua opinião, a rota é composta em maior número por:

() homens () mulheres, os quais são, na sua maioria:

() Jovens () Adultos () Idosos

DTA22) Na rota turística, de maneira geral, há preocupação quanto ao saneamento básico, esgoto e lixo produzido? Essa preocupação já existia antes da rota ser implementada? Atualmente como funciona?

DTA23) Existe alguma preocupação das pessoas que moram no território quanto ao manejo consciente das fontes naturais? Há alguma regulamentação para a exploração dessas fontes naturais em relação ao turismo? Fale mais a respeito.

2. Construtos, Dimensões, Códigos, Categorias

Construto	Dimensão	Objetivo	Categorias	Autor Base	Questão
Capital Social Organizacional	Estrutural	Identificar a qualidade dos laços e a formação de uma rede nas rotas de turismo rural pesquisadas	<ul style="list-style-type: none"> • Laços da rede • Estrutura da rede 	Nahapiet e Ghoshal (1998)	<p>1) Poderia me falar um pouco a respeito de como a rota está organizada? Quais são as organizações que a compõem e quais são seus papéis junto a rota (organizações participantes, prefeitura, SEBRAE, EMBRAPA,...)?</p> <p>2) Na sua opinião como a criação da rota turística contribui para a formação de uma rede de organizações no local?</p>
	Cognitiva	Identificar se as organizações são permeadas por uma mesma identidade e se possuem algum tipo de regra ou norma que estabeleça as relações interorganizacionais	<ul style="list-style-type: none"> • Visão compartilhada • Identidade Coletiva • Interação Social 	Nahapiet e Ghoshal (1998)	<p>3) Na sua opinião, as organizações atuantes na rota apresentam objetivos compartilhados? Poderia exemplificar como isso acontece?</p> <p>4) Como e quando as organizações da Rota costumam interagir?</p>
	Relacional	Identificar como se dão as relações entre as organizações em termos de confiança, e se estas compartilham de regras e normas	<ul style="list-style-type: none"> • Normas e Regras • Confiança mútua 	Nahapiet e Ghoshal (1998)	<p>5) Quando a rota turística foi instituída, junto com ela houve a preocupação entre as organizações em criar normas ou regras de conduta? Se foram criadas, quem criou as regras naquela oportunidade? E hoje como ocorre, quem cria as regras e normas de conduta atualmente?</p> <p>6) Em geral, como você avalia a confiança estabelecida entre os membros integrantes da rota turística? Considere como membros todos aqueles que colaboram para que a rota turística aconteça.</p> <p>Questões adicionais:</p> <p>6.1) Em uma escala de 1 a 10, sendo 1 o menor nível e 10 o maior, cite 3 organizações em que você mais confia. E 3 organizações que você menos</p>

					confia.
	Mobilizadora	Identificar se há mobilização e compartilhamento de recursos (tangíveis e intangíveis) entre as organizações públicas, privadas e da sociedade civil.	<ul style="list-style-type: none"> • Mobilização de recursos • Compartilhamento de recursos 	Tondolo (2014)	<p>7) De que forma a sua organização costuma mobilizar recursos em prol da rota turística (físicos, financeiros e humanos)?. Exemplifique</p> <p>8) As organizações que compõem a rota turística tem por hábito compartilhar recursos (informações, objetos, conhecimento,...)? Poderia dar exemplos do que costuma ser compartilhado e quando isso ocorre?</p> <p>Questão adicional: 8.1) De que forma a sua organização costuma mobilizar os recursos organizacionais (físicos, financeiros e humanos)?</p>
Desenvolvimento Territorial	Econômica	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a partir do entendimento dos entrevistados se existe diferença de renda no território e se isso se identifica pela extensão de terras em razão de um único produtor • Identificar se há mais estabelecimentos agrícola familiar ou patronal. • Identificar se há investimento de territórios externos 	<ul style="list-style-type: none"> • Renda • Emprego • Investimento externo 	Waquil et al. (2007)	<p>9) Em algum momento houve a entrada de organizações externas ao território onde a rota está inserida, isso contribuiu para a renda das famílias? Poderia explicar melhor de que forma isso se deu ou dá?</p> <p>10) No geral, como é o formato de mão de obra nos empreendimentos do território? E na rota? (familiar/ contratada) Poderia falar mais a respeito?</p>
	Social	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar pela visão dos atores se há boas condições de vida e educação no território. • Identificar quanto as questões de segurança 	<ul style="list-style-type: none"> • Educação • Segurança • Saúde 	Waquil et al. (2007)	<p>11) Como é nível de ensino na sua comunidade? Isso é visto como algo importante? Por que?</p> <p>12) Em termos de segurança pública, como isso é desenvolvido na sua comunidade? Existe algum tipo de posto policial na sua localidade?</p> <p>Questão adicional 12.1 Após a criação da rota turística, houve algum</p>

					<p>tipo de alteração em aspectos ligados à segurança pública?</p> <p>13) Em termos de saúde, poderia falar um pouco a respeito de como são as condições na sua comunidade.</p> <p>Questão adicional</p> <p>13.1 Isso, de alguma forma, mudou com a existência da rota?</p>
	Cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar se existem clubes, igrejas ou outros ambientes que possibilitem a interação das pessoas que compõem o território • Identificar se há disponibilidade de acesso ao conhecimento através de meios físicos e digitais e se são de utilidade pública 	<ul style="list-style-type: none"> • Ambientes de interação social • Ambientes de acesso ao conhecimento 	Waquil et al. (2007)	<p>14) As pessoas que moram na rota turística costumam interagir socialmente entre si? Quando e onde ocorrem essas interações? Tem motivo especial?</p> <p>15) Com relação ao acesso a informações/conhecimento, como os moradores da rota turística buscam se atualizar?</p>
	Político-institucional	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar se há no território um Conselho Municipal ou Territorial e qual sua participação efetiva no território • Identificar se há transferência de verba intergovernamental para o território 	<ul style="list-style-type: none"> • Conselhos administrativos • Transferência de recursos pelo Governo 	Wolcoock (1998); Waquil et al. (2007)	<p>16) Na rota turística, existem pessoas escolhidas pelos moradores que respondem pelas demais? Como isso acontece? Quem são essas pessoas? São escolhidas com base no que?</p> <p>17) Existe algum apoio governamental para a manutenção da Rota? De que forma isso ocorre?</p>
	Demográfica	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar, a partir da visão dos entrevistados, se o tamanho do território e o número de pessoas interferem no seu desenvolvimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Tamanho da rota turística • Nº de pessoas envolvidas com a rota • Gênero e idade 	Waquil et al. (2007)	<p>18) Você acredita que se o espaço físico que compõe o território aumentasse, isso contribuiria de alguma forma no desenvolvimento da rota? Porquê?</p> <p>19) Você acredita que se mais pessoas fossem morar na rota, isso mudaria de alguma forma o desenvolvimento da rota? Porquê?</p>

		<ul style="list-style-type: none"> • Compreender se o gênero ou a idade contribui para a composição da rota turística 			<p>20) Todas as pessoas que moram na rota turística participam ou se beneficiam dela de forma efetiva?</p> <p>21) Na sua opinião, a rota é composta em maior número por: <input type="checkbox"/> homens <input type="checkbox"/> mulheres, os quais são, na sua maioria: <input type="checkbox"/> Jovens <input type="checkbox"/> Adultos <input type="checkbox"/> Idosos</p>
	Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> • Se há a consciência por parte da população quanto ao saneamento, tratamento de esgotos e destino dos lixos • Se existe consciência da população quanto a sustentabilidade das fontes naturais 	<ul style="list-style-type: none"> • Saneamento básico • Fontes naturais 	Waquil et al. (2007)	<p>22) Na rota turística, de maneira geral, há preocupação quanto ao saneamento básico, esgoto e lixo produzido? Essa preocupação já existia antes da rota ser implementada? Atualmente como funciona?</p> <p>23) Existe alguma preocupação das pessoas que moram no território quanto ao manejo consciente das fontes naturais? Há alguma regulamentação para a exploração dessas fontes naturais em relação ao turismo? Fale mais a respeito.</p>